

o Preto



PALÁCIO GUANABARA

*GOVERNO DO ESTADO RESTAURA UM DOS
PALCOS PRINCIPAIS DA HISTÓRIA DO BRASIL* Página 16



Sítios arqueológicos:
revitalização na área do Comperj
propicia novas descobertas Página 10



Dinah Queiroz
fez história ao lutar pela entrada de mulheres
na ABL. Conheça a história Página 24

Vale do Paraíba:
glória no passado, desenvolvimento no presente e no futuro Página 29

Abrace essas Dez!

DEFENDA TODAS AS ESPÉCIES AMEAÇADAS



Preguiça-de-coleira



Formigueiro-do-litoral



Lagarto-branco-da-areia



Muriqui



Jacutinga



Cágado-do-paraíba



Boto-cinza



Tatu-canastra



Mico-leão-dourado



Surubim-do-paraíba

Os desmatamentos, as queimadas, a caça e a intensa urbanização, entre outras ações humanas, rompem o equilíbrio da natureza, destruindo preciosos habitats no Estado do Rio de Janeiro. Dez espécies – boa parte vivendo na Mata Atlântica – se encontram mais ameaçadas de extinção. A Secretaria de Estado do Ambiente promove políticas públicas e cria parcerias com governos municipais e a

sociedade para melhor proteger as espécies ameaçadas, com a conservação de seus habitats.

Você pode participar desta luta pela preservação das espécies, denunciando crimes ambientais, participando de ações de proteção e apoiando prefeituras na criação de parques, entre outras iniciativas. Denuncie! Participe!



Sérgio Cabral
GOVERNADOR

Regis Velasco Fichtner Pereira
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL



Haroldo Zager Faria Tinoco
Diretor-Presidente

Mauro Abreu do Amaral
Diretor Administrativo-Financeiro

Jorge Narciso Peres
Diretor-Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Telefone: 2717-4141 PABX

www.imprensaoficial.rj.gov.br

o Prelo

ANO IX nº 29

Revista de Cultura da Imprensa
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Assessoria de Comunicação Social - ASCOP
Tels: (21) 2717-4682

Endereço eletrônico:
oprelo@imprensaoficial.rj.gov.br

Editado pela Assessoria de
Comunicação Social da Imprensa Oficial

Assessora de Comunicação:
Andréa de Freitas Machado

Redator:
Luiz Augusto Erthal

Estagiários:
Ana Carolina Pires de Mello
Bárbara Reis
Marcelle Corrêa
Priscilla Daumas
Juliana Araújo
Ricardo Chau

Programação Visual:
Angela Duque
Luís Fernando da Silva Reis

Revisão:
Assessoria de Comunicação Social
da Imprensa Oficial

IMPRESSA NO PARQUE GRÁFICO DA
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

NESTA EDIÇÃO



CULTURA POPULAR
04 Contadores de História

PERSONAGEM LITERÁRIO
08 Luiz Antônio Pimentel

BIOGRAFIA
09 A vida de Nelson Rodrigues, como ela é



ARQUEOLOGIA
10 Itaboraí: Um tesouro do
Recôncavo da Guanabara

EMPREENDEDORISMO
14 Financiamento Coletivo: todos por todos

ARTIGO
15 A eternidade do livro impresso

CAPA
16 ESPECIAL
PALÁCIO GUANABARA



MEMÓRIA
23 ALBERTO TORRES



HISTÓRIA
24 A história da escritora que lutou
pelo fim do "Clube do Bolinha" na ABL

ESPAÇO PARA ARTE
26 Cultura do povo e para o povo
em Araruama



MUNICÍPIOS
29 Vale do Paraíba

AS OPINIÕES EMITIDAS NAS MATÉRIAS SÃO DE RESPONSABILIDADE
EXCLUSIVA DOS AUTORES

Era uma vez...

UMA PRÁTICA MILENAR QUE PERSISTE, MESMO DIANTE DAS MAIS AVANÇADAS TECNOLOGIAS



Contar histórias ainda reúne grupos de adultos e crianças que buscam um mundo novo de fantasia e imaginação.

ANA CAROLINA DE MELLO

O ato de contar histórias parece remontar toda a história da linguagem e seu processo civilizatório. No entanto, é justamente o fator obsoleto e primitivo deste ofício que contribui de forma determinante para sua perpetuação. Atualmente, informações disponíveis em e-books, videogames, TVs, DVDs e internet bombardeiam os cidadãos desde o seu nascimento e, ainda assim, a contação de histórias não só se mantém como ainda vem crescendo, dando indícios de que se trata de uma arte perene e imune ao processo de inovação tecnológica. É afirmativa comum aos contadores de história: “Ouvir histórias não é prerrogativa para crianças”. Os repertórios variam, as reações também e, como o indivíduo se encontra em eterno processo de construção, a forma como a história vai afetá-lo é sempre uma incógnita.

“Todo bom escritor é, de alguma forma, um contador de histórias”, destacou o escritor e membro da Academia Brasileira de Letras Arnal-

do Niskier. O contador entrelaça a magia da literatura e da comunhão que se forma entre o contador e seu público. A professora e também contadora de histórias Elaine Blois diz que um bom contador leva seus ouvintes a um mundo mágico, onde o impossível é capaz de acontecer; para ela, isso ajuda os ouvintes a trabalharem melhor suas emoções. Professora da Asso-



Todos os domingos, o ator Flávio de Souza conta suas histórias no MAC, em Niterói

ciação Educacional Miraflores, em Niterói, Elaine conta que a escola, de tendência Montessoriana, tem “aulas de biblioteca”. Os professores de biblioteca são nada menos que contadores de história: leem clássicos, inventam contos, por vezes fazem uso de fantoches e ao contar histórias de terror, apagam a luz. Isso tudo possibilita a criação de uma atmosfera fantástica, que incita a imaginação e molda a forma pela qual a criança enxergará o mundo e a leitura em sua vida. “Contadores de história são eternos. Como pais que encantam crianças antes de dormir, com a leitura de obras que incitam sua imaginação. É assim que se promove o gosto pela literatura”, destaca Niskier.

O Grupo Os Tapetes Contadores de Histórias trabalha com a fusão entre a contação de histórias e o teatro. Formado sobretudo por alunos de Artes Cênicas da UniRio, o grupo acredita que seu trabalho transmite valores não só pelo conteúdo do que é contado, mas também pelo trabalho de interação entre o públi-

co e os artistas. O coordenador do grupo, Warley Goulart, conta que o grupo começou com cinco brasileiros e dois peruanos, apaixonados pela arte de contar histórias, que se conheceram durante a faculdade há 13 anos. A peculiaridade do grupo é adaptar contos populares ou autorais sempre usando tapetes na construção do cenário. Os tapetes contadores realizam apresentações itinerantes e contam com cada vez mais espectadores. A programação pode ser conferida no site www.tapetescontadores.com.br.

Em Niterói, o Museu de Arte Contemporânea (MAC) oferece ao público, todos os domingos às 16h, uma sessão de contação de histórias dirigida pelo ator Flávio de Souza. O ator prega a construção coletiva das histórias, com interação entre o contador e a platéia. Na cidade, também ocorrem os Círculos de Biblioterapia. A “biblioterapia” consiste em rodas de leitura que evocam e abrem espaço para as narrativas pessoais. Os círculos acontecem todas as segundas-feiras na Glia Cultura e Aprendizagem, no Ingá. Cada sessão oferece também uma discussão sobre trechos literários de um autor previamente selecionado.

Para quem quiser aprender a contar histórias como voluntário, visitando e trazendo alegria para crianças hospitalizadas, a Associação Viva e Deixe Viver já começou sua programação de oficinas de 2012. A Associação se distribui por todo o Brasil, com espaço também

no Rio, com parceria do Instituto Rio de Histórias, da Unimed e da TV Band.

Do entretenimento à terapia – A literatura oral pode ter como objetivo o entretenimento, a educação, a preservação da cultura e dos valores morais, formação de subjetividade, entre outros. Porém, uma função inovadora vem ganhando espaço: o ato de contar histórias com fins terapêuticos. O contador Jan Gerd Schoenfelder, de Curitiba, fala sobre o trabalho da ONG Casa do Contador de Histórias, da qual é membro.

Para o contador de histórias curitibano, as histórias ativam a inteligência sensível das pessoas. Contamos histórias para que cada pessoa possa se reconectar aos seus sonhos, sobretudo aqueles que por uma limitação interior, foram abandonados ou esquecidos, adiando decisões importantes na vida. Schoenfelder destaca ainda que a técnica é fundamental, mas que para contar histórias é necessário apenas gostar de ouvir histórias. A técnica pode vir com a prática ou mesmo com cursos, como o oferecido na ONG Casa do Contador de Histórias, em Curitiba. Para quem está no Rio de Janeiro, uma boa opção é a Casa de Leitura de Friburgo, que conta também com apresentações de trovadores

“Uma criança com problemas neurológicos que somente mexe os olhos e, de repente, movimenta a cabeça para acompanhar a chegada de uma princesa no castelo; uma jovem em confinamento que volta a sonhar e pede histórias de amor ao invés de terror; uma criança que sofreu abusos e não se aproximava de nenhum adulto nem se deixava tocar permite ao contador lhe mostrar uma

história com as mãos”.

Outro exemplo de poder terapêutico da leitura está na tese de finalização do curso de psicologia na UFRJ de Mhyrna de Céspedes. Ela organizou uma oficina de leitura na prisão, que inclui mediação de leitura e contação de histórias. A experiência aconteceu no extinto Complexo Penitenciário da Frei Caneca – que foi implodido, no Centro do Rio, em 2010. A autora da dissertação lia textos literários para os detentos, enquanto observava como a leitura os guiava para fora do estereótipo criado de “prisioneiro ignorante e irreversível”.

Mhyrna conta que a maioria dos presidiários não teve acesso à educação e muitos nem sabiam ler. No entanto, as oficinas de contadores de história cumpria a função cognitiva para eles.

“A literatura arrebatava o leitor num novo universo que expõe gamas gigantes de situações e possibilidades inéditas, às quais o leitor/ouvinte deverá se adaptar. Dessa forma, ele expande sua capacidade de adaptação, aproximando a dicotomia formada entre punição e reabilitação nas cadeias. Diz-se também que a mente vazia e ociosa é espaço para maus pensamentos: poder ouvir histórias funciona com ainda mais eficácia na reabilitação do presidiário. O homem está em constante processo de produção, que dependeria dos estímulos aos quais os mesmos são submetidos – por isso a alteração na subjetividade, através da literatura, seria válida. A literatura dá, sobretudo em ambientes de crise, o suporte para a fuga de um determinismo ignóbil. Como Warley Goulart, dos Tapetes Contadores de Histórias, disse para O Prelo: “Contar histórias nos traz questionamentos que contribuem para a formação moral”.

“Os bons contadores devem ter capacidade do diálogo, voz agradável e saberem ser teatrais, para desenvolver a expressão artística que traz sempre encantamento. Dessa forma, o papel tão importante de moldar o ser humano é cumprido”, destaca Niskier. O membro da ABL destaca ainda que, “Todo bom escritor é,



ONG Casa do Contador de Histórias acredita no poder terapêutico da literatura oral: as histórias ativam a inteligência sensível das pessoas



Em cada "contação" ocorre um milagre. Histórias são contadas para pessoas com problemas neurológicos e psicológicos, acreditando que haverá uma melhora

de alguma forma, um contador de histórias". Ser escritor seria então a arte de encantar através de histórias. O contador, por sua vez, se entrelaça nas histórias de forma ainda mais envolvente: ele a interpreta e trabalha num esquema de "feedback" com seu público, seu trabalho é moldado a partir das reações de quem o assiste. Além disso, há a interação entre os ouvintes e a formação de um corpo único de reações heterogêneas. Não é a toa que existem cerca de 10 mil línguas no mundo, e só 400 tem escrita.

Já Elaine Blois explica que não existe um espaço próprio para se contar uma história. "É só ter um clima", explica. A contadora já contou histórias em oficinas improvisadas no meio da rua, em escolas e festas infantis.

Contar histórias diferencia-se da

O Dia Do Contador de histórias, promovido pela ONG Casa do Contador de Histórias, em Curitiba, atrai crianças que divertem-se em oficinas, teatrinhos e brincadeiras



leitura pura e simples por contar com a reciprocidade imediata na relação entre o narrador e sua audiência. O público é, assim, receptor e co-criador da arte de contar histórias: a partir da história contada, a

audiência forma imagens em suas cabeças; tecem a subjetividade.

Michele Petit, em seu livro "A arte de ler, trata do poder de mudança que a literatura pode exercer na sociedade. Na obra, a autora fala de conflitos armados em toda a América Latina, que tornaram as bibliotecas um refúgio, fugindo de uma realidade conflituosa e, ao mesmo tempo, agarrando-a para a formação de novos horizontes. As oficinas em presídios atuam sobre o mesmo pressuposto; mas não só elas: a literatura cumpre seu papel na reconstrução de sentidos, mas também na formação, no caso das crianças.



Contação de histórias versus tecnologia

Os Estados Unidos sofreram, na década de 70, uma espécie de renascença da literatura oral, um boom de contadores de história. Explicação? Nenhuma concreta. Mas a maquete de mundo que os EUA formam já mostrava suas falhas. O consumo desenfreado já não era capaz de criar nada senão máquinas. A pergunta é: como a sociedade, a humanidade reagiu a isso? Com imaginação. Criando novas possibilidades e possibilitando a formação de um eu-próprio ao invés de um robotizado. Vinte anos depois, Portugal sofreu o mesmo boom: na década de 70 nos EUA foi criada a NAPPS (National Association for the Perpetuation and Preservation of Storytelling), agora National Storytelling Network (Rede Nacional de Literatura Oral); nos anos 90, Portugal criou o Projeto Hora do Conto, com os mesmos fins. Isso prova a ascensão, talvez permanente, do ofício.

A arte de contar histórias é também sobrevivente de um

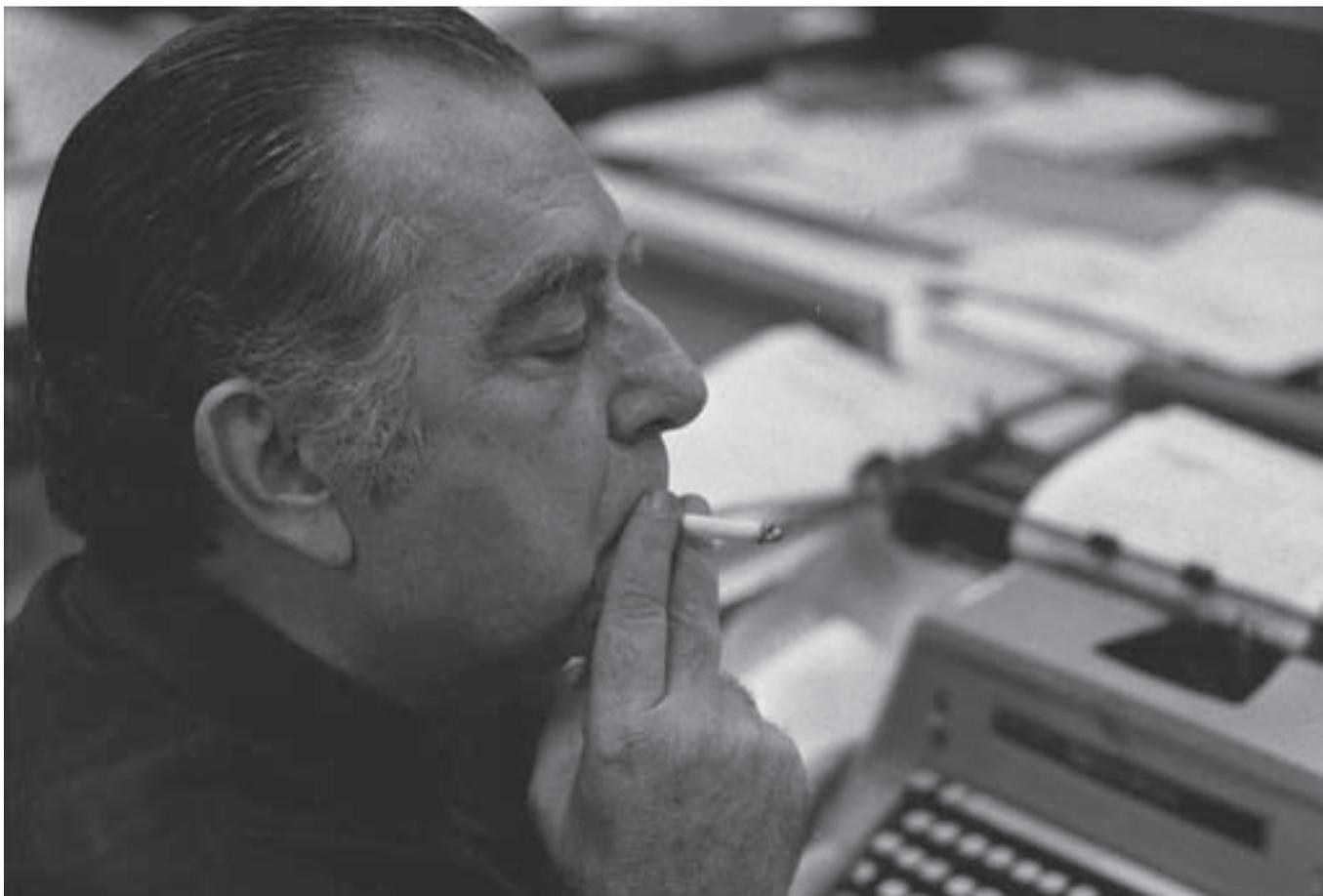
bombardeio digital. O declínio da literatura oral parecia evidente em meio às tentações tecnológicas e, incrivelmente, sua emergência mostrou-se forte e inabalável. Elaine explica que para contar histórias de forma eficaz (por eficaz falamos da possibilidade de formação da subjetividade) “é preciso ter emoção, precisa de um orador e de um ouvinte para haver a troca, a magia e a cumplicidade; a tecnologia não consegue transpor isso”.

Jan Gerd acredita que “Videogames e DVDs são as babás das crianças. Trabalhamos duramente, ficamos 14 horas fora de casa, para possibilitar que tenhamos uma televisão e um computador em cada quarto. Assim, as pessoas estão casa vez mais sozinhas, vivem num mundo virtual, perdem a humanidade e a sensibilidade. Sentar juntos para contar e ouvir histórias é uma possibilidade concreta de reverter essa situação”.



Nos cursos para a formação de contadores de história, trabalha-se a oratória, perde-se a timidez e aprende-se histórias da tradição oral e autorais





A vida de Nelson Rodrigues, como ela é

*No ano do centenário, dramaturgo recebe uma série de homenagens.
Conheça a história do “anjo pornográfico”*

MARCELLE CORRÊA

Sucesso, polêmicas, tragédias e um talento único. Se estivesse vivo, o maior dramaturgo brasileiro completaria 100 anos em 23 de agosto e, para celebrar o centenário do “Anjo Pornográfico”, suas 17 obras teatrais serão remontadas, haverá relançamento de seus livros e exposição sobre o dramaturgo. A escola de samba Unidos do Viradouro também homenageou o dramaturgo com o enredo “A vida como ela é, bonitinha mas ordinária... Assim falou Nelson Rodrigues”. A revista *O Prelo* homenageia o maior dramaturgo brasileiro contando um pouco de sua história.

Nelson Rodrigues nasceu em Recife no ano de 1912, veio para o Rio de Janeiro com a mãe, Maria Esther, e os irmãos, aos quatro anos, para reencontrar o pai que havia saído do Nordeste um ano antes – onde foi deputado e jornalista do “Jornal do Recife” – para trabalhar na então capital do país. Na cidade, eles ficaram hospedados na casa de Olegário Mariano, diplomata conterrâneo de sua família, no antigo bairro de Aldeia

Campista – hoje incorporado à Vila Isabel. E foi justamente o cotidiano no bucólico bairro que o inspiraria.

O pai de Nelson, Mário Rodrigues, trabalhava no jornal “Correio da Manhã”, onde recebia a visita dos filhos. Após passar um ano preso por publicar uma falsa carta em seu jornal, se envolvendo em um sério desentendimento com Epiácio Pessoa e Artur Bernardes, Mário Rodrigues abriu o jornal “A Manhã”. Aos 13 anos, o jovem Nelson iniciava a carreira jornalística, trabalhando no jornal do pai. Ganhando 30 mil réis por mês, ele era repórter policial e esportivo. Mostrava resistência para frequentar a escola e abandonou-a na terceira série ginasial.

No “A Manhã”, o talento de Nelson Rodrigues despontou e ele logo começou a escrever artigos. O primeiro deles, “A tragédia da pedra”, foi um sucesso. Atolado em dívidas, Mário Rodrigues perdeu o jornal para o sócio, lançando em seguida o jornal “Crítica”, que mais tarde seria palco de uma grande tragédia.

Em 1929, uma matéria publicada na capa do “Crítica” anunciava o desquite de Sylvia Thibau, escritora e dama da alta sociedade carioca. Constrangida e irritada com o escândalo, Sylvia foi até a redação do jornal à procura de Mário Rodrigues. Com sua ausência, ela resolveu executar seu filho, o ilustrador Roberto Rodrigues, de 23 anos, que levou um tiro na barriga e morreu três dias depois. A escritora foi presa em flagrante, e o caso, de grande repercussão na época, foi o primeiro júri transmitido ao vivo pelo rádio. Abalado pela tragédia, Mário Rodrigues morreu, aos 44 anos, vítima de trombose cerebral.

O crime marcou a vida de toda família, de modo que Nelson publicaria várias crônicas falando sobre o drama. A família continuou com o jornal, mas no início da década de 30, as redações sofriam com as constantes invasões da polícia, o que fez os irmãos Rodrigues irem em busca de emprego, devido aos problemas financeiros.

Em 1931, parecia ser o ano da reviravolta da família. Mário Filho, que era cronista esportivo, foi convidado a trabalhar na página de esportes de “O Globo» e aceitou o convite, na condição de levar os irmãos Joffre e Nelson. Para completar a renda, Nelson Rodrigues também fazia bicos como redator na distribuidora de filmes Ponce & Irmão, mas contraiu tuberculose. Seguiu para Campos do Jordão, em São Paulo, onde ficou internado em tratamento durante mais de um ano. Na volta à família, quem contrai a doença foi Joffre, que foi internado em um sanatório e teve a companhia do irmão Nelson até o leito de morte, em 1936.

Nelson se casou com Elza Bretnha em 1940 e, no ano seguinte, escreveu a peça “A mulher sem pecado”. A segunda obra foi “Vestido de Noiva”, na qual passou a ser reconhecido como um autor modernista do teatro brasileiro devido à forma contundente de abordagem do cotidiano.

“Meu irmão Roberto foi assassinado quando tinha 17 anos. Não que tivesse culpa. A assassina declarou no jornal: ‘Vim para matar Mário Rodrigues, ou um de seus filhos’. Como o criminoso é secundário, nulo, diante da vítima, é como se fosse um marginal do acontecimento, ninguém se interessou pela criminosa. E esse assassinato está marcado no meu teatro, nos meus romances, nos meus contos. Minha biografia está refletida na minha obra. Todo autor é autobiográfico e eu sou. O que acontece na minha obra são variações infinitas do que aconteceu na minha vida”, admitiu em entrevista concedida ao Jornal da Tarde, em 1974.

Nelson não parou mais de escrever e se consagrou como dramaturgo. Foram 17 peças recheadas de tragédia, comédia, sarcasmo e crítica. Dessas, sete chegaram aos cinemas e três foram adaptadas para a televisão, o autor escreveu ainda 10 obras literárias. Entre seus maiores sucessos, estão “Engraçadinha”, “A Vida Como Ela é”, “Beijo no Asfalto” e “Anjo Negro”.

A censura sempre esteve ao seu lado. Acompanhando cada lançamento, já que os temas abordados eram sobre sexo, violência e nudez. Sua última peça, “A Serpente”, foi escrita um ano antes de sua morte.

Moralista assumido, polêmico e trágico. Assim foi a vida do “anjo pornográfico”, que dizia “não vou para o inferno, mas não tenho asas”. Nelson Rodrigues sofreu um aneurisma e, após três operações, morreu no dia 21 de dezembro de 1980, deixando seis filhos e uma obra histórica. □

100 anos de Pimentel

Comunidade fluminense homenageia o escritor

JULIANA ARAÚJO

Jornalista, poeta, professor, ilustrador, fotógrafo, compositor, pesquisador e folclorista, todos em uma única pessoa, Luís Antônio Pimentel. O escritor, que ao longo da carreira batalhou pela consolidação da cultura literária de Niterói, completa 100 anos no dia 29 de março, e ganha uma série de homenagens dos principais órgãos de cultura da cidade. Entre as atividades destaque para a 1ª encenação de um texto do escritor, *12 dias com Leviana*, o lançamento da antologia *O amor segundo Luís Antônio Pimentel* e o evento gratuito e aberto ao público no Campo de São Bento.

“A importância do trabalho do Pimentel para a sociedade literária fluminense é inegável. A sua trajetória profissional e pessoal fez dele uma referência como homem de caráter que dedicou sua vida a justiça social, a ética, a preservação cultural de nossa cidade e ao desenvolvimento da vida literária e artística”, falou Carlos Mônaco, bibliófilo e proprietário da Livraria Ideal.

Ainda estudante, Pimentel teve seu primeiro contato com o ofício de jornalista ao editar o jornal *O Calouro*, da Escola Profissional Washington Luiz (atual ETE Henrique Lage), na qual foi trabalhar como professor depois de formado. Em 1930, aos 18 anos, pisou pela primeira vez em uma redação profissional, como revisor no então recém-lançado *Diário de Notícias*. Inspirado pelos colegas de trabalho chegou a publicar alguns contos próprios no suplemento literário do *DN* e ingressou na Escola Nacional de Belas Artes, onde teve aulas com Edgar Parreiras, sobrinho do paisagista Antônio Parreiras.

Em 1932, aceitou o convite para trabalhar na *Gazeta Fluminense* e no periódico veiculou suas primeiras caricaturas. No ano seguinte, publicou o livro de estreia, *Ciranda, cirandinha*, e passou a fazer parte da equipe do jornal *A Nação*. Em 1934, promovido a repórter, transferiu-se para a *Gazeta de Notícias* e assumiu a coluna *Diz que diz*, sobre os bastidores do rádio. Por conta da profissão, passou a frequentar os círculos musicais cariocas e acabou por compor músicas, depois gravadas por Carmem Miranda e Odete Amaral.

Foto: Anibal Piloto



Membro da Juventude Comunista, em 1936 foi preso pela polícia política de Getúlio Vargas. Solto, conseguiu uma bolsa de estudos e, em 1937, viajou para o Japão, onde permaneceu até 1942. Do outro lado do mundo, lançou o segundo livro, *Namida no Kitô (Prece em lágrimas)*, de 1940, mesmo ano da edição de *Contos do velho Nipon*, sobre o folclore daquele país, publicado no Brasil.

De volta, ajudou a divulgar o haikai (forma poética de origem japonesa) em terras tupiniquins e colaborou com os jornais *Última Hora* (sucursal Niterói), *Praia Grande em Revista*, *Letras Fluminenses* (coluna *Folclore*), *O Estado*, *Diário da Manhã*, *Correio Fluminense* e *Diário Fluminense*, entre outros. Diplomou-se em Jornalismo pela antiga Faculdade Nacional de Filosofia, em 1952, e ajudou a fundar a Sociedade Fluminense de Fotografia.

De memória prodigiosa, Luís Antônio Pimentel continua criando seus poemas, haicais, perfis para jornal e contando histórias sobre Niterói, coloridas por detalhes, nomes e datas. “Pimentel, aos 100 anos, prova que cada idade tem a sua juventude, que a pele pode enrugar, mas o cérebro não. Ele se mantém ativo e ensina que quando a gente se interessa pela vida, a vida se interessa pela gente. É um exemplo para as gerações contemporâneas e as que estão por vir”, falou Waldemir Bragança, presidente da Academia Fluminense de Letras. □

Itaboraí: Um tesouro do Recôncavo da Guanabara

Novas descobertas arqueológicas permitem reconstruir o passado da região

Foto: Pedro Oswaldo Cruz/Acervo Inepac



Ruínas do Convento de São Boaventura, marco da arquitetura colonial brasileira

BÁRBARA REIS

Uma das áreas que mais vai ser beneficiada com a instalação do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj), Itaboraí tem sido centro de algumas das mais importantes descobertas arqueológicas que ocorreram no estado nos últimos anos. Lar de uma das maiores escavações já realizadas no país, a cidade vem atraindo pesquisadores que buscam entender as relações sociais entre índios, europeus e escravos em diferentes períodos históricos. A partir da revitalização que está ocorrendo na região de instalação do Comperj, foi possível que as equipes pudessem realizar o trabalho de identificação, caracterização e salvamento dos sítios arqueológicos com segurança.



Foto: Yves Baeta

Na imagem, visitantes circulam pela sala dos embaixadores, local onde a exposição se encontra no Museu Nacional/UFRJ

Atualmente, os arqueólogos estão trabalhando nas escavações dos sambaquis, sítios arqueológicos construídos por pescadores-coletores por volta de 4 mil anos atrás. Primeiros colonizadores do litoral do estado, os sambaquieiros tinham o hábito de construir montes constituídos de conchas e ossos de peixe, onde colocavam os mortos. A cerimônia fúnebre desses grupos era extremamente elaborada e envolvia fogueira ritual e oferenda de comida para o morto. Como foram construídos com conchas, que são ricas em cal, os ossos humanos estão muito bem preservados. Outra característica é o hábito que esses grupos possuíam de protegerem o local de deposição dos corpos, o que manteve os esqueletos articulados (em posição anatômica). Segundo a professora Maria Dulce Gaspar (Museu Nacional/UFRJ), responsável pelas escavações, essas características dão a possibilidade dos pesquisadores realizarem inúmeros estudos sobre os hábitos de pescadores-coletores. “Ficaram registrados em seus corpos (ossos) o hábito de remar, preparar alimentos e nos cálculos dentários são encontrados os vestígios de alimentação.”

Ainda de acordo com a pesquisadora, é fundamental que se reconheça a importância do patrimônio de Itaboraí: “A pesquisa arqueológica traz a luz uma série de aspectos do modo de vida que permite caracterizar o cotidiano do grupo em estudo. Trata da apropriação cultural do ambiente e seu uso social.”

Está sendo elaborado o Projeto de Educação Patrimonial, em que toda a informação adquirida pela exploração dos sítios arqueológicos será repassada a professores e alunos dos quatro municípios que estão na área de impacto direto do complexo (Itaboraí, Tanguá, Cachoeiras de Macacu e São Gonçalo).

O projeto é baseado em uma parceria entre a Petrobras, a Associação de Amigos do Museu Nacional (SAMN) e o próprio Museu Nacional/UFRJ. Posterior a etapa de campo, foram iniciadas as atividades em laboratório e a curadoria de todo o material resgatado. A análise do material foi realizada no Laboratório de



Vitrine com parte dos cachimbos encontrados. Ao fundo, imagem que mostra a sua utilização



Mapa da Capitania do Rio de Janeiro

Arqueologia Casa de Pedra do Museu Nacional/UFRJ. Além disso, as intervenções arqueológicas determinaram a sequência de colonização da área.

De acordo com os pesquisadores, o trabalho realizado delineou um quadro regional e cronológico de ocupação (que se estende do séc. XVI ao XX), de extrema relevância no entendimento das relações entre diferentes grupos sociais através dos séculos. A região possui 48 sítios arqueológicos que vão desde sambaquis até assentamentos do século XX, passando por aldeias de grupos ceramistas e estruturas da extinta Vila de Santo Antônio de Sá.

Algumas das peças mais importantes encontradas são as tradicionais faianças dos séculos XVI e XVII, em algumas foram encontradas brasões de família, como os Silva. A presença de oito urnas enterradas e associadas com tigelas, traço marcante das práticas funerárias dos grupos Tupi; um tembetá, tipo de jóia usada pelos índios no século XVI e que pela primeira vez foi encontrada no estado; cachimbos africanos, que revelam traços



Foto: Bárbara Reis

Vitrine em que o tembetá está exposto. Ao fundo, imagem do líder Tupinambá Cunhambebe utilizando o adorno

De vila próspera a população dizimada pela Febre Amarela

O município de Itaboraí é resultado do que, no passado, foram algumas das vilas mais prósperas da então capitania do Rio de Janeiro. Entre elas destaca-se a Vila de Santo Antônio de Sá, a mais desenvolvida da região. A importância dessas vilas era tanta que à época da chegada de Dom João VI ao Brasil não apenas lá se encontrava formada uma elite de alto desenvolvimento cultural e econômico como o que hoje é Itaboraí e competiu com Niterói pelo título de capital da capitania.

Fruto do que é considerada a primeira ocupação do Recôncavo da Guanabara, a região onde foi firmada a Vila de Santo Antônio de Sá atraiu os colonizadores por causa da proximidade dos rios, localizada entre os rios Cassere-

bu e Guapiaçu, respectivamente margem esquerda e direita do rio Macacu, ainda hoje o principal da região, estendendo-se da Serra do Mar até a Baía de Guanabara. O que permitia o abastecimento de água, a troca e a comunicação com os demais centros de colonização. Toda a região possuía entrepostos comerciais que recebiam sua produção via escoamento fluvial, levando-a até o porto da Praça XV.

A vila produzia açúcar, aguardente, farinha, feijão, milho e arroz. Alguns de seus moradores dedicavam-se ao comércio de madeira e carvão, utilizando-se da diversidade de espécies oferecida pela Mata Atlântica. Porém, anos de desmatamento tornaram as áreas aráveis em charcos e o assoreamento dos rios, não só foi

destruindo o potencial produtivo como cooperou na proliferação de mosquitos, vetores de doenças como a febre amarela e a malária. Santo Antônio de Sá, vila mais atingida pelas doenças, entrou em decadência a partir de 1829.

Quinta construção conventual da Ordem Franciscana do Brasil, o convento de São Boaventura é um marco da arquitetura colonial. Sua construção se iniciou em 1660 e posteriormente passou por diversas ampliações. A decadência pode ser atribuída ao surto de febre amarela ocorrido na Vila de Santo Antônio de Sá, que dissipou a população para outras regiões. Há registros de que a construção já apresentava sinais de abandono na segunda metade do século XIX.

culturais dos negros trazidos para trabalhar nos engenhos de açúcar. Foram encontradas também formas de pão-de-açúcar, que são tigelas onde era purgado o açúcar e cujo formato lembram o ponto turístico. O resgate desse material ajuda a reconstruir o dia-a-dia daquela região e acrescentam informações ao que a historiografia já sabia.

A HISTÓRIA POR TRÁS DOS ARTEFATOS

Os cachimbos eram artefatos produzidos a partir de pasta de argila. Apesar de estar vinculados a prática de fumar, os aspectos decorativos das peças podem conter símbolos que são indicativos dos padrões estéticos das tribos africanas das quais eram originários, sendo assim um testemunho da identidade étnica de seus usuários.

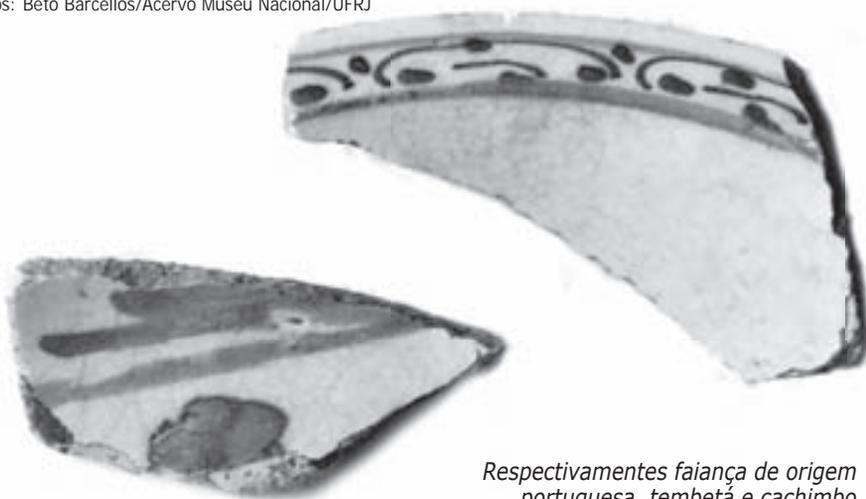
Já as faianças, feitas de cerâmica vidrada, têm em seu tratamento de superfície uma camada fina e impermeável ideal para o armazenamento e transporte não apenas de alimentos como também de outras substâncias necessárias às atividades da vida cotidiana. As cores utilizadas como motivos decorativos são decorrentes de diferentes óxidos de metais misturados ao chumbo. As cerâmicas encontradas mostram a complexidade e refinamento da produção desenvolvida na Península Ibérica.

O tembetá, por sua vez, é descrito muitas vezes no relatos de cronistas franceses e portugueses dos séculos XVI e XVII como um privilégio dos homens indígenas e uma forma que esses encontravam de manifestar sua força. Seu nome, vocábulo composto de origem tupi e guarani, associa as palavras tembé – seu lábio inferior e itá – pedra. Comumente utilizado em um furo acima do queixo, há relatos que dizem que alguns índios o usavam também em ambas as bochechas. □

SERVIÇO

Exposição Santo Antônio de Sá: Primeira Vila do Recôncavo da Guanabara
 Horário: de terça a domingo, das 10 às 16h.
 Entrada: R\$ 3,00. Grátis para crianças até 5 anos e pessoas acima de 60.
 Local: Museu Nacional - Quinta da Boa Vista, s/n, São Cristóvão, Tel. (21) 2562-6042.

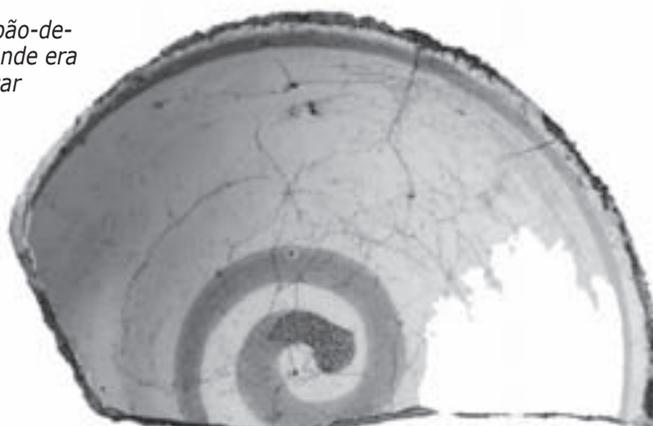
Fotos: Beto Barcellos/Acervo Museu Nacional/UFRJ



Respectivamente faiança de origem portuguesa, tembetá e cachimbo adornado de origem africana



Fragmento de pão-de-açúcar, tigela onde era purgado o açúcar



Idéia Projeto Oportunidade União Internet Colaborações Financiamento Muitos

Financiamento coletivo para a cultura: todos por todos

PRISCILLA DAUMAS

Fazer com que uma idéia se torne realidade, seja um projeto cultural, uma empresa ou um produto, por mais criativo ou inovador, depende majoritariamente de dinheiro, geralmente na figura de um investidor que, em troca, espera retorno financeiro. Conseguir tal suporte não é tarefa fácil e, na maioria das vezes, o projeto não sai do papel. Neste cenário vem ganhando força o financiamento colaborativo cuja base pode até ser de um ditado antigo – “A união faz a força” –, mas que ganhou novas possibilidades com o ambiente virtual.

O mecanismo é simples, na internet, por meio de sites especializados, pede-se uma quantidade de dinheiro que possibilita a realização do projeto e recompensa-se aqueles que contribuíram. Conhecido crowdfunding – contração dos termos em inglês “crowd”, multidão; e “funding”, financiamento – o conceito está espalhado por toda internet. Qualquer pessoa com um projeto pode utilizar desse tipo de incentivo para que este possa sair do campo das idéias.

Um dos diferenciais desse modelo é que os incentivadores dos projetos o fazem porque gostam e se identificam com eles. Surge a oportunidade de fazer algo, mesmo contribuindo com pouco – 5 ou 10 reais são os valores mínimos em muitos sites – e ser recompensado, principalmente com a realização daquilo que ajudou.

O financiamento coletivo já é usado por fãs para trazer artistas ao país, gravações de CDs, filmagens de

documentários, impressão de revistas e até baile de debutantes. No baile das meninas do morro da Providência, ano passado, quem ajudou ganhou desde vídeos de agradecimentos das debutantes até passeios e jantares na comunidade. Neste caso, podia-se contribuir com produtos e serviços.

Outro exemplo é o “Cidades para Pessoas”, criado pela jornalista Natália Garcia que conseguiu R\$ 25 mil por meio de colaborações de 285 pessoas no site de crowdfunding Catarse (catarse.me) em dois meses. O projeto jornalístico consiste em uma viagem a 12 cidades do mundo em busca de iniciativas que tornem o deslocamento nas cidades melhor para seus moradores.

Mas o que parece novidade não é assim tão novo. Sabe-se que a Estátua da Liberdade, presente dos franceses para os americanos, é um exemplo. Em 1865, o escultor francês Frédéric-Auguste Bartholdi e o historiador de Versalhes Edouard de Laboulaye, admiradores dos Estados Unidos, queriam presentear os americanos em nome da França. Bartholdi criou a escultura e fez uma proposta: quem doasse dinheiro ganharia uma réplica da estátua, em tamanho menor, obviamente. Na década de 1880, a estátua da Liberdade ficou pronta, mas os americanos não tinham um pedestal para acomodá-la. Nos Estados Unidos, o jornal New York World publicou um anúncio pedindo doações para a construção desse pedestal usado até hoje, que foi feito 45 anos depois de a estátua chegar. Até os compositores clássicos, Mozart e Beethoven, chegavam a doar os originais das composições para financiar suas obras.

Para conseguir espaço nos sites especializados é necessário apresentar uma proposta bem elaborada. É feito um cadastro com a descrição do projeto, o valor a ser arrecadado, o prazo para conseguir a quantia e as recompensas que pretende dar aos colaboradores.

A recompensa nada mais é que uma troca de valores que se faz com as pessoas que apóiam os projetos e varia de acordo com a quantia doada. Depois uma campanha, feita na maioria das vezes no próprio ambiente virtual, é a chave para alcançar a meta no tempo determinado – uma média de 40 a 50 dias. Neste ambiente, as pessoas não compram o que é feito e sim porque é feito. Dessa maneira os círculos pessoais e profissionais que acompanham o trabalho e sabem as motivações por trás do projeto são os primeiros que contribuem e ajudam na divulgação.

O sistema é o do tudo ou nada. A pessoa arrecada aquilo que está pedindo – às vezes até mais – ou não leva nada e o site devolve o dinheiro para todos que apoiaram o projeto. “O projeto vai dar certo quando a pessoa que o propôs é apaixonada pela idéia e que consegue trazer uma rede de pessoas interessadas para fazer aquilo acontecer”, explica Diego Reeberg um dos sócios do Catarse.

Os sites de financiamento coletivo lucraram cobrando taxas sobre o dinheiro doado. No Catarse, por exemplo, é de graça para quem quer anunciar. Nele a seleção de projetos leva em consideração a criatividade, pode ser um projeto cultural, empreendedor ou jornalístico.

O formato ganhou notoriedade com o Kickstarter, lançado em 2009, que em apenas um ano arrecadou mais de 20 milhões de dólares para fazer inúmeros projetos criativos saírem do papel. Um de seus projetos notáveis é o Spot.Ux, um site de jornalismo open source, em que os investidores podem sugerir histórias e participar das reportagens, depois publicadas em grandes jornais ou revistas.

Pode-se afirmar que os sites apenas potencializam algo característico do ser humano: colaborar. Seria difícil encontrar alguém que não tenha sido testemunha da utilização da popular vaquinha ou das rifas para que algo pudesse se realizar. O fato de que cada vez mais projetos sejam viabilizados pelo financiamento coletivo, mostra que um método democrático seja a maneira de se tirar boas idéias do papel.

A eternidade do livro impresso

A discussão sobre sobrevivência do livro impresso está muito acesa. Em parte, é reflexo do que acontece nos países mais desenvolvidos, onde há uma oferta progressiva de e-books. Aqui entre nós, por enquanto, o crescimento é lento. Em todo o comércio eletrônico nacional, não há mais de 7 mil títulos disponíveis. Para se ter ideia da discrepância dos números, só a Amazon conta hoje com cerca de 950 mil títulos.

Há um pormenor que é próprio do mercado brasileiro: o Kindle começou com um gás assustador, mas não pegou por causa do preço, hoje em 800 reais. Pelo dobro, pode-se ter um equipamento muito mais completo, que serve para navegar na internet, tirar fotos, gravar vídeos etc. O custo benefício é muito mais atraente.

Estamos vivendo uma fase de incríveis conquistas tecnológicas, especialmente no campo das comunicações. O que não significa a morte das versões anteriores. Diziam que o rádio acabaria com os jornais; o cinema acabaria com o teatro; a televisão acabaria com o rádio e a internet acabaria com todas as mídias citadas. Na realidade, nada disso aconteceu. Convive-se com todas essas manifestações, embora se saiba que a escala é outra: no facebook há 900 milhões de membros e o twitter 150 milhões de usuários (o youtube tem praticamente tudo).



Vivemos uma fase de absoluta perplexidade, mas um homem com a experiência de Boni, por exemplo, afirmou, em lançamento recente, que a TV aberta tem um longo futuro à sua frente, desde que se renove e passe a programar atrações ao vivo e promover transmissões diretas. Devemos estar atentos a essas peculiaridades, para que nada se perca dessas imensas conquistas.

Fala-se muito nos e-books, mas as grandes companhias brasileiras, tipo Livraria Cultura, não passam de 1% do faturamento na venda de livros eletrônicos. Há uma longa caminhada, com um detalhe que me ocorreu na visita feita à Real Academia de Espanha: os autores do seu vocabulário têm 90 mil livros impressos sobre lingüística, consultados diariamente. Isso vai desaparecer? Sinceramente, não acreditamos. E a biblioteca do Congresso Americano? E a da Universidade de Berkeley, onde há uma quantidade enorme de livros brasileiros? Quem Preconiza o fim disso tudo, sinceramente está equivocado.

O que se pode prever é que haja, por muitos e muitos anos, uma coexistência pacífica entre livros de papel e e-books, como antecipou o escritor Umberto Eco. Segundo ele, somos 7 bilhões no mundo, mas uma parcela ínfima desse total tem acesso aos computadores. Vai demorar muito para mudar esse quadro. Para Umberto Eco, "temos a prova científica de que um livro pode durar 550 anos. Jamais deixaremos de ter, com essas obras, uma relação física, carnal, afetiva. É muito difícil ler 'Guerra e Paz' num e-book. De mais a mais, a internet não filtra nada – e esse é um mal." Estamos certos de que na nossa geração e possivelmente em muitas outras, ainda viveremos na boa companhia dos livros impressos.

ARNALDO NISKIER é membro da Academia Brasileira de Letras, Presidente do CIEE/ Rio e Doutor em Educação

O GLOBO

ZUENIR VENTURA *Digital x impresso*

Espalhados pelo chão, empilhados sobre a mesa, em cima das cadeiras, dezenas de livros aguardavam voltar para as estantes, de onde foram retirados por causa de uma pequena obra em casa. Eu acabara de ler no Prosa & Verso uma matéria que me pôs a pensar sobre o futuro deles. Será que teriam utilidade para Alice daqui a uns 15 anos? O debate no suplemento era sobre os efeitos do mundo digital sobre a leitura, a competição entre internet e texto impresso, fazendo lembrar a antiga discussão entre o que Umberto Eco chamou de "apocalípticos e integrados", para definir os que temiam e os que aceitavam a comunicação de massa. No artigo em que procurava desfazer o clima maniqueísta da disputa, Pedro Dória analisava os mais recentes trabalhos que tratam do tema.

O apocalíptico dessa história é Nicholas Carr, autor de "A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros". Recorrendo ao próprio exemplo, ele

confessa que antes passava horas mergulhado em extensos trechos de prosa. "Agora, raramente isso acontece. Minha concentração começa a se extraviar depois de uma ou duas páginas." Na mesma linha, outro intelectual dizia que ninguém mais lê "Guerra e paz" por ser "longo demais". A internet teria mudado nosso jeito de ler, passando de linear, sequencial, para uma forma fragmentada, desatenta, interrompida por hiperlinks.

Olhei à minha volta e percebi o quanto havia de volumes "longos demais", que daqui a pouco estariam condenados, segundo essa tendência. Ali estavam "Ulisses", de James Joyce, 888 páginas; "Gênio", de Harold Bloom (828); "Pós-guerra", de Tony Judt (847); "Casa Grande & Senzala", de Gilberto Freyre, 40ª edição (668); "Os sete pilares da sabedoria", de T.E. Lawrence (782), entre muitos outros. Será que a humanidade não iria produzir mais uma "Divina Comédia", um "Lusiadas" ou um "D. Quixote"? Será que só haverá lugar para mensagens

de 140 toques? Talvez, se estivermos fabricando o que Carr chamou em entrevista a Guilherme Freitas de "leitor distraído, que não lê com profundidade; passa os olhos no texto, lê na diagonal". Decodifica apenas, em vez de "um sofisticado ato de interpretação e imaginação".

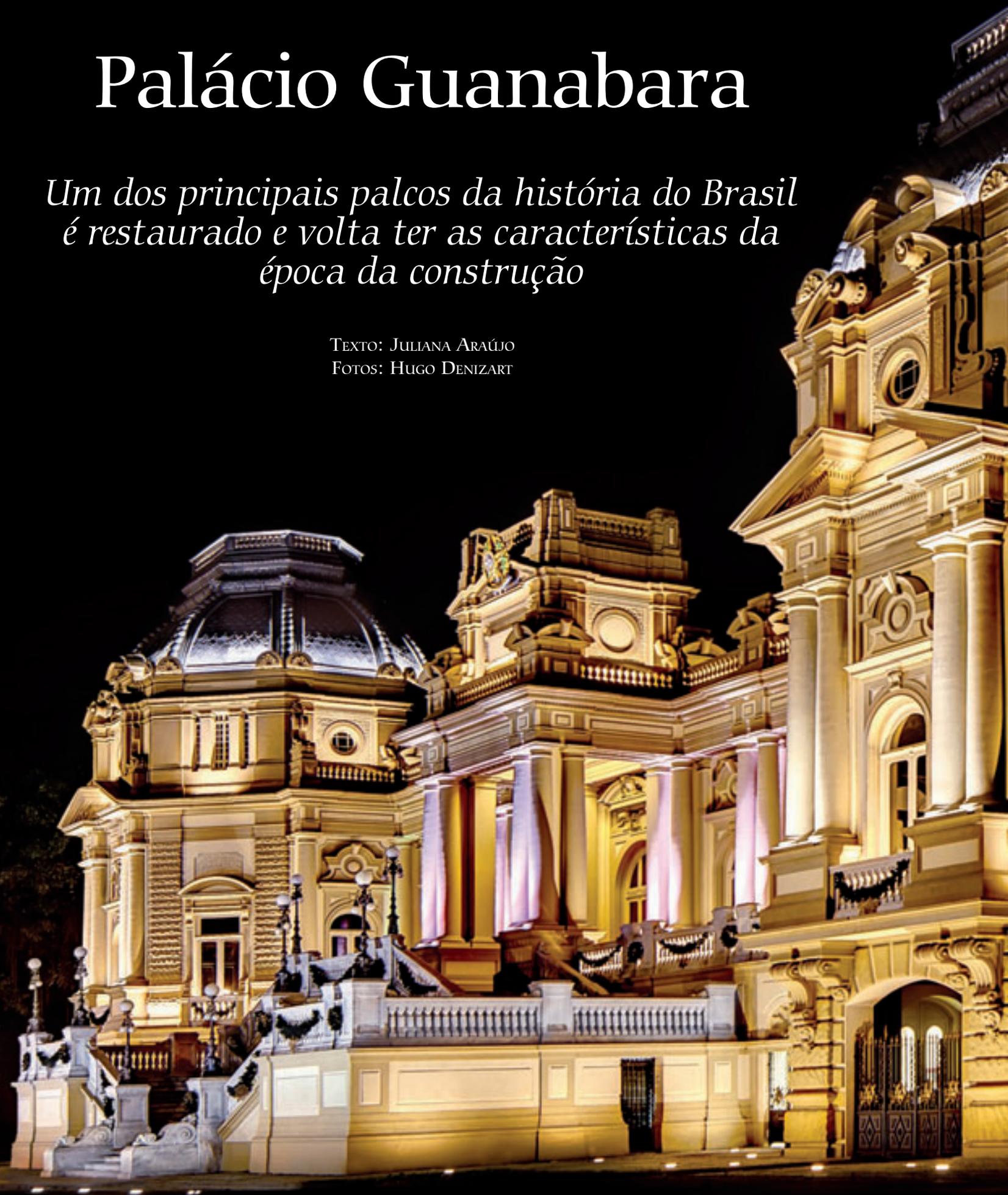
A questão, porém, é mais complexa, como se depreende do ensaio do professor João Cezar de Castro Rocha na mesma edição. Ele mostra que o advento da palavra impressa causou impacto parecido no universo da palavra falada e escrita. Décadas depois da invenção dos tipos móveis, o livro foi comparado a uma catedral, com um final que se anunciava infeliz: "O livro destruirá o edifício; a imprensa superará a arquitetura."

Agora, voltou à moda decretar o fim do impresso. Para quem, como eu, acredita na convergência e não no antagonismo entre as tecnologias de comunicação, o consolo é que os que anunciaram a morte da imprensa e do livro morreram antes.

Palácio Guanabara

*Um dos principais palcos da história do Brasil
é restaurado e volta ter as características da
época da construção*

TEXTO: JULIANA ARAÚJO
FOTOS: HUGO DENIZART





Mesmo aqueles que, displicentes, nem Molham para os lados na correria do dia a dia, dedicam um olhar curioso e atento ao suntuoso Palácio Guanabara, na Rua Laranjeiras, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Os tons costumeiros de cinza e bege na fachada foram substituídos pelo ocre, cor original da construção em 1908, as cúpulas de metal voltaram a reluzir com a luz do sol e, mesmo à noite, a nova iluminação de LED realça desde as esquadrias ao brasão da República, além de detalhes da fachada. Iniciada em dezembro de 2009, a obra na sede do Governo do Rio de Janeiro resgatou uma parte da história do Estado e aliou modernidade – com projetos de acessibilidade e sustentabilidade – à originalidade do antigo Paço Isabel. A inspiração para o trabalho de restauração foi a reforma de 1908, que atribuiu características do estilo eclético à fachada e a outros elementos da arquitetura.

O palacete, patrimônio cultural do estado do Rio, ficou mais acessível aos portadores de necessidades especiais. Os banheiros foram adaptados e um elevador foi instalado sem que houvesse interferências na estrutura do prédio. A nova iluminação da fachada é ecologicamente correta. As lâmpadas LED convivem de maneira harmônica com o lampadário original, em ferro fundido, instalado em 1908. O projeto se valeu de diferentes temperaturas de cor e abertura de facho de luz, criando contrastes e uma perspectiva tridimensional a quem admira o palácio. A instalação de um sistema de captação de água da chuva reforça a proposta de consumo sustentável do projeto.

Na fachada interna, houve uma importante intervenção com a retirada de todos os equipamentos de ar condicionado externos, deixando à mostra janelas em pedra de cantaria que estavam descaracterizadas. Hoje, se pode admirar a beleza do conjunto de esquadrias graças ao moderno sistema de ar condicionado central, que permite o ajuste da temperatura em cada sala.

“Mesmo as intervenções que visavam à modernização do prédio, como as necessárias adaptações para pessoas portadoras de deficiência, respeitaram a linha de trabalho, apuro, dedicação e atenção aos detalhes históricos”, destacou o secretário-chefe da Casa Civil, Regis Fichtner. Para que o palácio pudesse

readquirir as antigas feições, foi realizado um trabalho histórico, com acompanhamento e autorização do Instituto do Patrimônio e Artístico Nacional (IPHAN), responsável, desde 1945, pela preservação do prédio.

Com as mudanças, resolveram-se problemas antigos, como a restauração das cúpulas metálicas da fachada, a reforma dos telhados e a recuperação dos jardins, que contrastavam com o restante do prédio principal. Nas obras do palácio foram incluídas ainda a troca dos sistemas hidráulicos e elétricos, a reforma de pisos e paredes e a recuperação dos chafarizes, esculturas e mobiliário, que há mais de 40 anos não recebiam melhorias.

ARTE E PRECIOSIDADES

Uma empresa especializada em recuperação de móveis antigos foi contratada para fazer a reforma e o estofamento de 92 peças, muitas adquiridas pela Família Real, que



comprou e reformou o palácio em 1865 para servir de residência à Princesa Isabel e ao Conde D'Eu. São cinco mesas de escritório, duas de reunião e oito de centro; quatro consoles; 28 cadeiras; 24 poltronas; sete sofás; três bancos; três armários; três aparadores e cinco espelhos. A mobília é composta por peças em vários estilos, do manuelino aos Luís XV e Luís XVI, passando pelo rococó, neoclássico, império e chipandele. Outros foram incorporados na segunda grande reforma, em 1920, para receber os reis da Bélgica, Alberto e Elizabeth. No paisagismo, destacam-se as palmeiras imperiais, do mesmo tipo que ornamentam o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, plantadas por Dom João VI em 1809, e que são, até hoje, a marca da presença da família imperial na cidade.

O acervo artístico do Palácio Guanabara é rico em preciosidades. São cerca de 50 peças, entre as quais, destacam-se “A morte de Estácio de Sá”, pintado em 1911 por Antônio



Palmeiras imperiais adornam o jardim recuperado durante a restauração



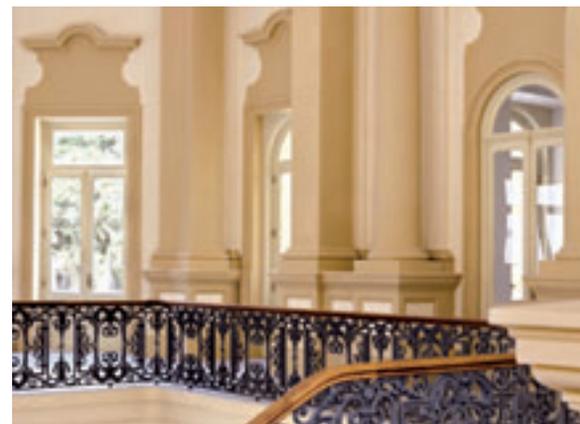
Parreiras, e “Abdicação de D. Pedro I”, de Aurélio Figueiredo. Os quadros estão expostos no gabinete do governador e no salão nobre.

“Entre os quadros restaurados durante a reforma, há belas imagens do Rio antigo. Fora deles, a paisagem que temos diante de nós é a de outro Rio de Janeiro: igualmente lindo, e que cresce com sustentabilidade, cuida mais do seu povo e se torna um lugar melhor para se viver”, escreveu o governador Sérgio Cabral.

Como parte das exigências de maior agilidade na gestão pública, pela primeira vez na história um vice-governador do Estado do Rio de Janeiro terá seu gabinete instalado no Palácio Guanabara. A sala ganhou funcionalidades sem perder em tradição: decorada com móveis de estilo manuelino, está ornamentada com *Os Retirantes*, quadro do pintor italiano Dario Mecatti (1909-1976). Outros cômodos tiveram o tipo de uso modificado, com a construção de uma cozinha industrial e uma sala de refeições.

“Com as obras, o palácio ganhou ares modernos, passou a oferecer mais conforto e se tornou funcional ao permitir a centralização do governo e secretárias do estado”, contou o subsecretário de Gestão do Governo do Rio, Marco Antônio Horta.

Ao todo, foram restauradas seis taças metálicas com adornos em ferro fundido



A arquitetura neoclássica predomina no interior do palácio

REDESCOBRINDO O PALÁCIO

Ao longo dos trabalhos, foram revelados detalhes históricos do prédio, que estavam encobertos pelo tempo e pelas reformas anteriores. Entre elas, está o chão pé de moleque, original da época da construção em 1853, encontrado na parte interna e térrea do Palácio. Esse tipo de calçamento era típico em cômodos de uso dos escravos. Guarda-se assim, não apenas uma relíquia da arquitetura, mas também um pedaço importante da memória de um palácio onde morou a Princesa Isabel, responsável pelo fim da escravidão do país.

Com o objetivo de preservar o piso e ao mesmo tempo compartilhar a descoberta com os visitantes, a área que hoje abriga a sala VIP recebeu uma proteção de vidros especiais, que resistem a uma carga de até 200 quilos cada. A iluminação de LED ressalta os detalhes do calçamento.

Também no térreo, uma grossa camada de cimento tornou invisível por muito tempo os ladrilhos hidráulicos utilizados em dez salas e dois corredores do palacete. O ladrilho hidráulico é uma espécie de cerâmica rústica, de espessura maior e aspecto poroso, utilizada em áreas frias das residências no início do século XX.

Com a descoberta, iniciou-se um grande trabalho de restauro. Os ladrilhos foram limpos e o cimento foi retirado com o auxílio de talhadeiras, espátulas e lixas. Após este procedimento, após a limpeza com sabão neutro e água, e os desenhos foram recompostos e protegidos. A cada processo de restauração, a redescoberta de uma peça rara, um vestígio da história do país.





Peças do mobiliário no Salão Nobre foram totalmente restauradas e datam da época em que a Princesa Isabel morou no Palácio Guanabara

De moradia da Família Real a protagonista do Golpe de 64

Palco de momentos importantes da história política do país, o Palácio Guanabara é, ao mesmo tempo, patrimônio material, com sua fachada de arquitetura eclética e seu interior neoclássico - que preserva os traços do período do Império, e patrimônio imaterial, cujo conceito, definido pela Unesco, é de práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas que a sociedade reconhece como parte integrante de seu patrimônio cultural.

O Palácio Guanabara guarda e conta a história das práticas políticas do país, desde a Monarquia até a República, passando por momentos decisivos como o golpe militar de

1964, a mudança da capital do país da cidade do Rio de Janeiro para Brasília, e a fusão do Estado da Guanabara com o antigo Estado do Rio.

O palacete começou a ser construído em 1853, pelo comerciante José Machado Coelho, numa propriedade conhecida por Chácara do Roço e foi residência particular até 1860.

Em 1864, a Família Real adquiriu o palacete, de estilo neoclássico, para ser a residência da Princesa Isabel e do Conde D'Eu, recém-casados. Por esse motivo, o palacete passou por uma reforma feita pelo arquiteto José Maria Jacinto Rebelo e passou a se chamar Paço Isabel ou

Palácio Isabel. Nele, a Princesa Isabel, na condição de regente do Brasil - seu pai, o Imperador Dom Pedro II, estava em tratamento de saúde na Europa - assinou a Lei 3.353, mais conhecida como Lei Áurea, que pôs fim à escravidão no país.

O palacete pertenceu aos príncipes até a proclamação da República, quando o prédio foi confiscado pelo governo militar, transferido ao patrimônio da União e rebatizado de Palácio da Guanabara. Em 1908, uma nova reforma, conduzida por Francisco Marcelino de Souza Aguiar, atribuiu ao palácio características do estilo eclético. Em virtude da visita do Rei Alberto da Bélgica em 1922,

o salão de honra recebeu nova mobília com peças Luis XV e tapeçaria francesa.

O palácio foi utilizado como residência oficial pelos presidentes da república entre os anos de 1926 e 1946. Residiram no local, o Marechal Hermes da Fonseca, Washington Luiz, Getúlio Vargas – durante o Estado Novo, de 37 a 46 -, José Linhares e Eurico Gaspar Dutra.

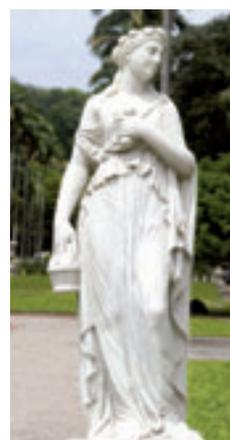
Em 1938, o Palácio Guanabara foi alvo de ataques durante o levante integralista. O objetivo do movimento liderado por Plínio Salgado era tomar o poder, liquidar o presidente da República, seus ministros e auxiliares diretos e implantar no Brasil uma ditadura. No fim, os revoltosos não obtiveram êxito e foram repelidos pela Polícia Especial (da Polícia Civil do Rio de Janeiro), reação reforçada, posteriormente, pelo Exército.

A partir de 1946, passou a sediar a Prefeitura do Distrito Federal até 1960, ano da criação do Estado da Guanabara e transferência do Distrito Federal para Brasília. O Palácio tornou-se, então, sede administrativa do Governo do Estado, permanecendo até os dias atuais.



A estátua de Netuno, de autoria de Gabriel Dubray, totalmente reconstruída em bronze.

Em 1964, o governador Carlos Lacerda montou um esquema de segurança para o Palácio Guanabara reforçar o apoio ao Golpe. No dia 31 de março, tanques, barricadas e militares protegeram o palácio de qualquer investida das tropas do almirante Cândido Aragão, partidário de João Goulart.



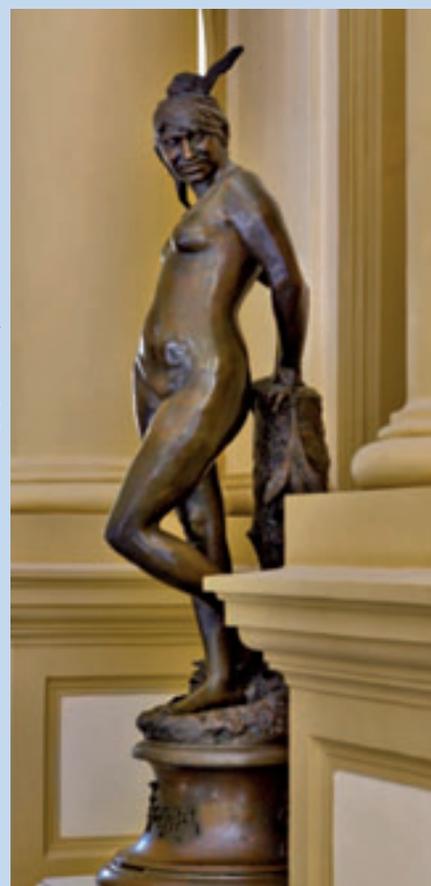
Uma das quatro estátuas esculpidas em mármore Carrara dispostas no jardim. Juntas elas representam as quatro estações



A morte de Estácio de Sá, assinada por Antônio Parreiras



Abdicação de Dom Pedro I, assinada por Aurélio Figueiredo



Mulher faceira, estátua em bronze de Rodolfo Bernardelli

ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS MARCANTES

Foto: Arquivo/Ag.O Globo



Militares protegem o Palácio contra as forças legalistas durante o golpe de 1964

1888 – Assinatura da Lei Áurea

A Princesa Isabel, na condição de regente do Brasil, assinou a Lei Áurea e pôs fim à escravidão no país.

1938 - Putsch da Ação Integralista Brasileira

O movimento conspiratório do partido integralista culminou com o ataque ao Palácio Guanabara, no dia 11 de maio de 1938.

1964 – Golpe Militar

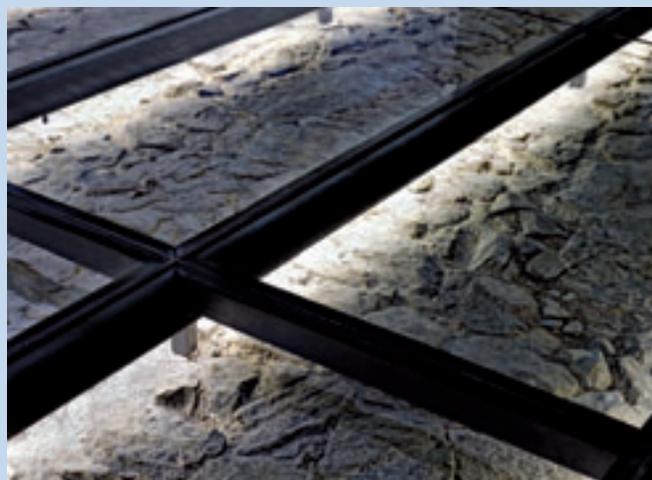
Ameaçado pelo almirante Cândido Aragão, que defendia a legalidade do mandato de João Goulart, o governador Carlos Lacerda transformou o Palácio Guanabara numa trincheira de guerra a fim de garantir sua segurança e manter o apoio ao Golpe.

CONHEÇA OS ESTILOS ARQUITETÔNICOS

NEOCLÁSSICO - 1865

O estilo neoclássico surgiu na transição do século XVIII para o XIX. Em resposta aos excessos decorativos do Barroco e Rococó, a teoria estética neoclássica preza pelo retorno à simplicidade das formas e a sobriedade do gosto.

No Brasil, as construções neoclássicas passaram a ser em maior número com a presença da Missão Artística Francesa no Rio de Janeiro, no início do século XIX. O estilo, marca do período imperial, podia ser observado nas janelas simétricas da fachada principal e na valorização do corpo central do Paço Isabel.



Chão pé-de-moleque original de 1853



A arquitetura traz nos detalhes a influência de ambos os estilos

ECLÉTICO - 1908

Na segunda metade do século XIX surgiu no Ocidente um novo modo de se pensar a arquitetura: o eclético. Marcado com uma estética múltipla, é a fusão de é uma revisão dos estilos anteriores de forma mesclada e com inovações na técnica e na concepção.

Foi no período de transição para o século XX que o ecletismo se torna recorrente na arquitetura brasileira, através dos projetos de reurbanização das grandes cidades. No Rio de Janeiro, o responsável pelo estilo foi o engenheiro Francisco Pereira Passos (1836-1913). Sua reforma derrubou antigas construções do período colonial para abrir a moderna Avenida Central (atual Avenida Rio Branco) e a Avenida Beira-Mar, expandindo a cidade em direção à Zona Sul. □

Alberto Torres

O centenário de um ícone fluminense

LUIZ AUGUSTO ERTHAL

Poucos homens marcaram de forma tão indelével a vida fluminense no século passado como Alberto Francisco Torres, cujo centenário de nascimento se comemora este ano. Embora fosse advogado por profissão, dedicou a maior parte de sua vida a duas paixões: a política e o jornalismo.

Começou a exercer o jornalismo ainda jovem, quando, acadêmico de direito, trabalhou em jornais do Rio e de Niterói, ao lado de Othon Paulino e Mário Alves. Porém, as exigências das atividades profissionais que se seguiram, tanto no escritório de advocacia que manteve em Niterói quanto no cargo de procurador do antigo Distrito Federal, alcançado por concurso público, iriam afastá-lo por algum tempo da imprensa.

Com a redemocratização do Brasil, após o período do Estado Novo, veio o chamado da política, uma vocação familiar, como recorda Nina Rita, filha única do casal Alberto Francisco e Dolores Brochado Torres:

“Nasci, cresci e me formei ouvindo falar em política, de tal modo ela foi se enraizando na minha família. Primeiro foi meu tio, Acúrcio Torres, que passou pela Câmara de Niterói, pela Assembleia Estadual, ainda na chamada *República Velha*, e pelas Constituintes de 1934 e 1946, para encerrar a carreira na liderança do Partido Social Democrático e do presidente Eurico Dutra na Câmara dos Deputados. Depois meu pai, eleito deputado estadual pela União Democrática Nacional em 1947 e para a Câmara dos Deputados em 1954, para voltar à Assembleia Legislativa em 1966 e aí permanecer por mais de dez anos. Por fim meu tio Paulo, que depois de ter sido prefeito de Teresópolis e interventor federal no Acre, seria eleito governador do Estado do Rio, senador, deputado



Reprodução de óleo sobre tela de Carmo Soá

federal e presidente do Congresso.”

A ética foi a marca registrada da atuação política de Alberto Torres. Exerceu, ao todo, seis mandatos de deputado estadual e federal, colaborando na elaboração das Constituições estaduais de 1947 e 1975. Numa época em que a indústria automobilística no Brasil não passava ainda de um sonho, foi o único deputado a recusar o benefício da importação privilegiada de automóveis.

Nina Rita registra o caráter político do pai como “um homem de rígida disciplina partidária, mas também de absoluta independência quanto às suas convicções pessoais e íntimas”. Por conta disso, mesmo sendo deputado pela UDN, discursou contra a cassação do Partido Comunista, em 1947, e foi um dos mentores da coligação que elegeu o trabalhista Roberto Silveira em 1960, contrariando o principal líder udenista da época, Carlos Lacerda.

A vida política de Alberto Torres caminhou de braços dados com sua segunda paixão – o jornalismo. Em 15 de fevereiro de 1954 comprou e assumiu a direção de *O Fluminense*, um jornal de grande influência e tradição no Estado do Rio, àquela

época já com 75 anos de existência. O periódico, que permanece sob o controle da família, é hoje o terceiro jornal mais antigo do Brasil. Nina Rita relembra o estilo de Alberto Torres na condução do jornal:

“Sistematicamente era de sua autoria o editorial dos domingos, que costumava elaborar desde bem cedo, na véspera, para não sacrificar o horário das oficinas. Fazia pessoalmente a revisão da primeira, segunda, terceira, décima prova. Lá pelas 7, 8 horas da noite, acrescentava por fim a sua assinatura. Presença diária e constante na redação, jamais interferiu no trabalho de repórteres, redatores, editores. Abominava a censura, e, mais ainda, a

autocensura. À exceção dos editoriais que pessoalmente escrevia, só lia o jornal depois de impresso, arcando com todas as consequências, se viessem a ocorrer, das matérias divulgadas.”

Alberto Torres nasceu em 9 de setembro de 1912 e morreu em 25 de novembro de 1998 na cidade de Niterói. Participou intensamente da vida política e cultural, tendo sido um dos responsáveis pela criação da Universidade Federal Fluminense (UFF) e membro da Academia Fluminense de Letras. Encarnou, também, como poucos, aquela que, no dizer do professor Horácio Pacheco, seu confrade na AFL, seria a característica mais marcante do Estado do Rio – a “cordialidade fluminense”.

“A cortesia era para ele quase uma religião. No jornal, na Assembleia, no fórum, nas repartições a que às vezes tinha de comparecer, em qualquer lugar onde se apresentasse, fazia questão de cumprimentar cada pessoa, fosse o contínuo, o porteiro, o chefe, o diretor, o presidente. E quando não recebia resposta, fosse por distração, fosse até por surpresa do cidadão cumprimentado, que não o conhecia, repetia em tom mais grave o cumprimento”, atesta Nina Rita. □

A história da escritora que lutou pelo fim do ‘Clube do Bolinha’ na ABL

Autora do romance A Muralha, Dinah Silveira de Queiroz foi a segunda mulher a ingressar na Academia

MARCELLE CORREA

Dinah, caríssima Dinah... mulher com sensibilidade literária, domínio sobre a palavra, feminilidade em suas prosas e figura expressiva na literatura brasileira, sendo uma das mais originais do século XX. A segunda mulher a fazer parte da Academia Brasileira de Letras, completaria 100 anos de nascimento este ano. Dinah Silveira de Queiroz, paulistana, romancista, cronista e contista escreveu obras literárias de diversos temas, como romances, infantil, teatro, crônicas, e biografia, ao todo, 23 obras, que a fizeram ganhar prêmios no Brasil e no exterior e a fez merecer o título de imortal da Academia Brasileira de Letras. Mais do que isso, Dinah foi uma das responsáveis pelo ingresso de mulheres na ABL

A mãe de Dinah Ribeiro Silveira faleceu quando a escritora ainda era muito pequena e foi a inspiração para seu livro de estreia, “Floradas na serra”, que aborda a estação de cura da tuberculose. O *best-seller* foi lançado em 1939 e, já no mês de lançamento, ganhou uma segunda edição. No livro, Elza contrai a doença e segue para uma pensão em Campos do Jordão para se tratar, onde faz amizade com outras enfermas, entre elas Letícia.

“Restos de geada nas gotas. A manhã tem um sol muito claro, fazendo cintilar o orvalho enregelado, dando uma vida fictícia e esplendente à vegetação crestada pelo inverno. Rapazes e moças a cavalo riscavam. Risos que ficaram, num instantâneo, para trás. Letícia dá ordem ao chofer, o automóvel pára.

–Vai ver! A cascata é linda! Quero que conheça uma coisa bem bonita no seu primeiro passeio. Daqui onde estamos, até lá, você tem um pequeno exercício.

A amiga tomou-lhe o braço e começaram a andar devagarinho. Elza movia-se com esforço.

–Não ando há tanto tempo!

Sorria, pálida e desapontada, muito pequena dentro do enorme mantô. Falava pouco. De vez em quando a sua mãozinha se elevava e esboçava um gesto que acompanhava um sorriso. Era o vôo de um pássaro... ou um reparo qualquer que Elza guardava

para si mesma, evitando um esforço maior. A doença emprestava-lhe agora uma nova sensibilidade. Vinha-lhe um prazer físico intenso da contemplação da natureza, nessa manhã” (Trecho do livro “Floradas da Serra”).

A obra ganhou o prêmio Antônio de Alcântara Machado, da Academia Paulista de Letras, e foi transposta para o cinema em 1955.

Com a morte da mãe, as irmãs Dinah e Helena foram separadas, indo cada uma para a casa de um parente. Dinah foi criada então pela tia-avó Zelinda, que a influenciou, através de autores como H.G Wells, Paul Bourget, Coelho Neto e mais tarde, Freud e psicanálise.

A LUTA NA ABL

Aos 19 anos, Dinah se casou com Narcélio de Queiroz, que a levou a descobrir sua vocação para a escrita. Ficou viúva em 1961 e, no ano seguinte, se casou novamente, desta vez com Dário Moreira de Castro Alves. O diplomata, poeta e membro da ABL Alberto da Costa e Silva era amigo da escritora e a amizade se estreitou ainda mais após seu casamento com Dário, que era colega de Alberto no Itamaraty.

“A vida da Dinah era escrever e cultivar as amizades. Não creio que soubesse pregar um botão. Penso que teria dificuldade em fritar um ovo. Acordava cedo para escrever e, durante muitos anos, manteve nos jornais uma crônica diária, sob o título geral de ‘Café da Manhã’. Dinah revelou e ajudou vários escritores que surgiram na passagem dos anos 40 para os 50 do século passado (Fausto Cunha, Samuel Rawet, Jones Rocha, Renard Perez, para citar alguns exemplos) . Era queridíssima por eles.”, conta Alberto Costa e Silva.

Dinah lutou pela entrada das mulheres na ABL e conseguiu. A escritora fez uma grande campanha para que aprovassem a proposta para quebrar o tabu de 80 anos, de que somente homens fizessem parte da academia. Antes, ela já tinha sido homenageada pela instituição com o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra em 1954.

Fotos: Acervo Academia Brasileira de Letras



Em sua residência, no dia de sua posse, segurando o discurso de posse

“Por volta de 1971, Dinah iniciou uma campanha para abrir a Academia Brasileira de Letras às mulheres. Trabalhava-se de dar uma interpretação mais ampla ao texto dos estatutos da ABL, quando nele se diz que da Academia só podiam fazer parte brasileiros natos. Ora, a tradição da língua era de que brasileiros se aplicava a homens e mulheres. Dinah empenhou-se com toda a alma na campanha, com a eficiência que lhe dava a grande capacidade de ter amigos. Venceu. Mas não quis que parecesse que havia atuado em causa própria, de modo que, ao abrir-se a primeira vaga, foi Rachel de Queiroz quem a ocupou. Dinah foi, portanto, importantíssima para a ABL. Mudou, por assim dizer, o seu perfil”, explicou o diplomata.

Na Academia Brasileira de Letras, a escritora foi a sétima ocupante da cadeira de nº 7 na sucessão de Pontes de Miranda. Foi eleita em 10 de julho de 1980 e recebida em 7



Jorge Amado, Dinah Silveira de Queiroz, Dário Moreira de Castro Alves e Zélia Gattai em Portugal

de abril de 1981 pelo acadêmico R. Magalhães Júnior. Dinah fazia companhia a Rachel de Queiroz, primeira mulher a honrar a academia, e prima de seu primeiro marido, o advogado

Narcélio de Queiroz. As duas com o mesmo talento pela arte, parentes e companheiras de ABL, após a incansável luta pela mudança no regimento interno da instituição. □

Sucesso literário se tornou clássico na TV

Ao todo, 23 obras foram escritas por Dinah, entre elas a famosa história épica “A Muralha”. O livro conta a história das atividades dos bandeirantes, e sua saga no desbravamento pelo território brasileiro, onde os pioneiros abriam rotas rumo ao interior do país em busca de riquezas, como ouro e índios, que posteriormente seriam vendidos como escravos. Os bandeirantes tinham o domínio do território, porém constantemente tinham que lutar pela posse das propriedades conquistadas, já que estrangeiros e forasteiros tentavam se apossar do território deles. O título que dá nome ao livro é uma referência à Serra do mar, um grande obstáculo às incursões ao centro do país.

A primeira adaptação do texto de Dinah Silveira de Queiroz foi ao ar em 1958, na TV Tupi. Em 1963, foi a vez da TV Cultura, na extinta TV Excelsior e, em 1968, uma adaptação feita por Ivani Ribeiro fez sucesso. Em 2000, a escritora Maria Adelaide Amaral fez uma minissérie adaptada na TV Globo, o que levou a história ao conhecimento de um público maior, sendo sucesso de público e de crítica.

Após o casamento com o diplomata Dário Moreira de Castro Alves, a escritora foi morar em Moscou, onde foi nomeada adido cultural da Embaixada do Brasil em Madri. Na Espanha, escrevia artigos e crônicas, que

posteriormente eram veiculados na Rádio Nacional, no Jornal do Commercio e na Rádio Ministério da Educação. Longe do Brasil, ela quis lembrar alguma forma da vida brasileira, fazendo então crônicas diárias, que mais tarde resultaram no livro de crônicas “Café da Manhã”, “Quadrante I” e “Quadrante II”. Em 1964, escreveu um romance histórico em comemoração ao IV Centenário da fundação da Cidade do Rio de Janeiro, lançando “Os Invasores”.

No ano de 1966 ela partiu para a capital italiana. Em Roma, mantinha um programa semanal na Rádio Vaticano e continuou escrevendo crônicas.

Descendente de família cujo patriarca foi o bandeirante Carlos Pedrosa da Silveira, desde cedo foi influenciada pelo gosto pela literatura. Seu pai, Alarico Silveira, além de advogado e ministro do Tribunal Militar, foi autor da “Enciclopédia brasileira”.

Seu último romance, “Guida, caríssima Guida”, sobre a ambição humana, fala de uma menina pobre e com poder de sedução, que se propõe a qualquer sacrifício. Publicado em 1981, foi escrito em Lisboa, Portugal. De volta ao Brasil, Dinah Silveira de Queiroz morreu aos 72 anos, no dia 27 de novembro de 1982 na cidade do Rio de Janeiro.



Dinah Silveira de Queiroz foi cronista da Revista semanal “O Cruzeiro”, onde publicou o romance “A Muralha”, que mais tarde se tornaria uma novela de grande sucesso

CULTURA DO POVO E PARA O POVO

Reinaugurada em dezembro, a Casa de Cultura de Araruama preserva a história do município, ao mesmo tempo que oferece oportunidades para moradores e artistas da cidade

Foto: Priscilla Daumas



Depois de reforma, a Casa de Cultura de Araruama integra-se ao circuito cultural da Região dos Lagos

PRISCILLA DAUMAS

Em Araruama, a Praça de São Sebastião é endereço da paróquia de mesmo nome, grandiosa com uma única torre no lado esquerdo – fenômeno que se conserva em poucas igrejas brasileiras. Ao lado, o casarão de paredes brancas, janelas azuis e escadas de pedra pode parecer pequeno. No entanto, as grossas paredes dos seus salões e as salas escondidas pela fachada foram, por 110 anos, personagens das decisões políticas da cidade. E, após completa reforma, inaugurada no final do ano passado, a Casa de Cultura – título que carrega desde 1993 – faz jus ao nome e abriga diversas iniciativas culturais. História, artes plásticas, exposições, música, dança dividem, harmoniosamente, o mesmo ambiente.

Segundo o professor e secretário de Cultura Ricardo Adriano da Silva, a Casa de Cultura José Geraldo da

Conceição Caú tem como objetivo ser um dos polos incentivadores dos artistas da região. “Por que não valorizar o que é da terra?”, ele pergunta. “Araruama é uma cidade tradicional, acolhedora, mas com muitos talentos não conhecidos, verdadeiras riquezas não exploradas”, afirma. O professor Caú, que deu nome à Casa de Cultura após a reforma, por exemplo, foi homenageado pela trajetória. Além de artista plástico e contista, montou peças teatrais e organizou concursos de poesia, chegando a lançar livro com poemas dos alunos.

Da rua de pedras, o visitante vê a Sala Artesã Márcia Maia e a Sala Arqueóloga Ângela Buarque. Os dois espaços são, na verdade, grandes salões de piso de madeira com amplas janelas que recebem exposições, lançamentos de livros e palestras. E, após o horário de visitação do público, o objetivo é que eles

possam ser utilizados para aulas de dança e música.

Em prol da acessibilidade, parte dos degraus de pedra que dão acesso ao prédio deu espaço para uma rampa. No hall de entrada, o público deixa a presença registrada em um livro, obtém folders explicativos e observa a galeria dos 18 prefeitos que a cidade teve ao longo da história. Uma escada dá acesso à Pinacoteca Municipal Berta Antunes que com um acervo da produção local também alimenta as exposições de pintura da Casa.

Após a reforma, o Centro de Memória Municipal também passou a ser sediado na Casa de Cultura. Estruturado nos anos 80 com o objetivo de refazer a história da cidade, foi criado oficialmente apenas em 2003. Atualmente oferece informações sobre a trajetória do município aos visitantes, principalmente o público escolar.

ACERVO ARQUEOLÓGICO

Peças indígenas de origem tupinambá com idade estimada de 750 a.C, fotografias de todas as épocas, painéis explicativos e até uma cristaleira do 1º Presidente da Câmara, o Barão de Monte Belo – que hoje guarda livros que tratam exclusivamente sobre a cidade –, coexistem no Centro.

Um dos destaques é a urna funerária tupinambá retirada do Sítio Arqueológico Lítico Cerâmico de Morro Grande – um dos mais de 30 sítios arqueológicos de Araruama que detém a segunda mais importante história indígena tupinambá do Brasil. De porte médio, a urna sepultava um índio na posição fetal e, a partir dos fragmentos, foi totalmente restaurada. Os restos mortais alvo de estudos antropológicos não estão expostos.

“As pessoas se surpreendem com a rica história da nossa cidade. Tem gente que nasceu aqui, por exemplo, e não sabe a origem tupinambá do município” conta o guia responsável pelo centro, Wellington Costa de Mello.

Ainda no Centro de Memória há um grande acervo com documentos oficiais da cidade. O “Mappa do Obituário do Cemitério Público da Cidade de Araruama”, de 31 de



Pinacoteca Municipal Berta Antunes exhibe obras de artistas da cidade

janeiro de 1895, que impressiona pela conservação, é um deles. Há também uma hemeroteca com uma coleção de jornais locais. E no salão de estudo o visitante poderá ter acesso ao material arquivado no Centro para pesquisa.

ATIVIDADES

Um dos diferenciais da Casa de Cultura é a multiplicidade de funções para os espaços, o que propicia o desenvolvimento de aptidões da população araruamense. As salas de oficinas dispõem da infraestrutura necessária para aulas de pintura, desenho e artesanato – que serão oferecidas à população por preços populares –, ao mesmo tempo em que são palco de exposições. Em janeiro, a Sala Tecelã Regina Righi local da oficina de artesanato, abrigava, por exemplo, mostra fotográfica de Renato Seixas com registros cidade, desde natureza a prática de esportes.

O casarão em breve sediará um Telecentro – centro de inclusão digital para a comunidade – e o Tutano Filme Clube, uma ação a partir do Edital Cine Mais Cultura, da Secretaria de Estado de Cultura e resultado da parceria da prefeitura com o Coletivo Cultural de Araruama, uma organização civil, de natureza cultural e sem fins lucrativos – criada por artistas e agentes culturais para efetivar o direito de participação e ampliar o poder de ação da sociedade na construção de políticas públicas de cultura para o município.

Além de abrigar todas essas iniciativas, a Casa sedia o Centro de Pesquisa Arqueológica que tem a proposta de fortalecer, difundir, defender as operações dos sítios arqueológicos da cidade cadastrados junto ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

A Gestão de Cultura em Araruama também está sediada no prédio. A partir de lá estarão coordenadas todas as ações do Teatro Municipal Prefeito Graciano Torres Quintanilha, Espaço do Artesão Vânia Feitosa, Biblioteca Municipal Professor Carlos Élio Vargas da Silva, Bibliotecas Virtuais, Farol do Saber, Museu Arqueológico de Araruama, Anfiteatro Jornalista Tim Lopes, Teatro de Arena Cabo Botelho e Concha Acústica.

Nos últimos anos, o movimento cultural na cidade tem se diversificado. E a Casa de Cultura se integra na política de fortalecimento destas ações. Um exemplo foi a festa de reinauguração da própria Casa de Cultura, no último dia 9 de dezembro. Só no Palco Viradão Cultural foram 18 atrações de dança (carimbo, forró, zuk, afro, balé, sapateado, samba, gafieira) e música, enquanto mais de 40 artistas expunham nos salões do prédio. □

SERVIÇO

Endereço: Praça de São Sebastião
Horário de Funcionamento: Segunda à sexta, das 10h às 18h. Sábado, domingo e feriados das 14h às 20h.



Fotos: Priscilla Daumas
Fragmentos de tigela indígena e postais dividem espaço no Centro de Memória

História do casarão em paralelo com a da cidade

A história da Casa de Cultura começa antes mesmo da inauguração, com o Decreto nº 1.128, de 6 de fevereiro de 1859, que estabeleceu a transferência da sede da Vila do município de Saquarema para o lugar conhecido como Mataruna, na freguesia de São Sebastião de Araruama, elevada à categoria de vila. Esta deveria ser instalada logo que se apresentasse casa preparada e mobilhada para sessões da Câmara Municipal e Júri.

Seguindo as leis coloniais, este prédio deveria ser construído com o dinheiro da população beneficiada. O então vereador Carlos Sá de Carvalho, rico fazendeiro e produtor de aguardente – além de eleitor provincial, sub-delegado, suplente de Juiz e integrante da Guarda Nacional – arcou com as despesas. Desse modo, surgiu o Casarão da Praça de São Sebastião – erguido estrategicamente ao lado da paróquia – inaugurado em 1871.

Uma curiosidade é que o regimento que regulava a Câmara lá instalada, redigido pelo jurista

Fotos: Priscilla Daumas



Prédio é testemunha de 141 anos de história

Antônio Joaquim de Macedo Soares – que, posteriormente, eleger-se vereador –, foi elaborado de tal maneira que acabou adotado como modelo durante todo Segundo Reinado. Niterói, Nova Friburgo, Angra dos Reis, Sapucaia, Nova Iguaçu, Maricá, São Fidélis foram alguns que o usaram como padrão para os próprios regimentos.

Pouco tempo depois, o casarão foi testemunha da elevação da vila movimentada, com casas alinhadas, porto, igrejas e engenhos de açúcar, à categoria de cidade em 22 de janeiro 1890, a partir de decreto do governador Francisco Portela.

Lá foi a posse do primeiro prefeito eleito, Dr. João Vasconcelos, em 15 de junho de 1924, em meio a manifestações populares, com

direito a presença da imprensa – “A Gazeta” de São Gonçalo, “O Arauto” e “O Industrial”, de Cabo Frio, periódicos que circulavam no município, fizeram a cobertura do evento.

O casarão foi Paço Municipal de Araruama de 1871, ano de sua inauguração, a 1981. A partir daí, abrigou vários órgãos municipais. Até que em 1993, o prédio foi destinado à preservação da memória e implementação de ações de natureza cultural. A Casa de Cultura de Araruama se transformou em patrimônio histórico e cultural da cidade, título obtido oficialmente em 1996.

Em deterioração pela ação do tempo, falta de manutenção e uso contínuo, o prédio era vítima de infiltrações e outros problemas. Em 2003, começou-se uma reforma que, no entanto, foi interrompida pela urgência na recuperação da fazenda Aurora, atualmente sede do Museu Arqueológico de Araruama, importante referência da história tupinambá.

Após obtenção de verba, a reforma foi realizada em apenas um ano, entre 2010 e 2011. Toda a estrutura de sustentação do telhado e o piso – ainda os originais de 1871 – foram trocados e a inauguração foi motivo de festa no dia 9 de dezembro. O prédio patrimônio da cidade estava definitivamente integrado ao circuito cultural da cidade e da Região dos Lagos.



A Sala Artesã Márcia Maia é preparada para receber exposição de quadros



Cortada pelo rio Paraíba do Sul, a cidade de Resende é uma das mais antigas e importantes do Vale do Paraíba fluminense

VALE DO PARAÍBA – Parte I (Itatiaia, Resende, Porto Real, Quatis)

O encontro da natureza com o desenvolvimento ao longo do rio

LUIZ AUGUSTO ERTHAL

Derivado da expressão latina *flúmen*, usada para designar rio, o gentílico “fluminense”, pertencente aos cidadãos nascidos no Estado do Rio, pode ser traduzido por “homem do rio” ou “habitante da região do rio”. Foi essa a designação dada aqui, ao chegarem, pelos portugueses, quando tomaram a Baía de Guanabara pela foz caudalosa de um grande rio, aos nativos e àqueles que, dentre os descendentes dos colonizadores, viriam no futuro a ser os filhos da terra.

O equívoco de confundir a baía com um rio, porém, parece ter vindo a calhar. Os portugueses acharam, sem o saber, talvez a mais correta expressão para denominar os naturais do Estado do Rio, como o conhecemos hoje, com sua base territorial atual. Pois, se há um elemento geográfico capaz de per-

mear e ligar quase todas as regiões do estado, este é, de fato, um rio: o Paraíba do Sul, que corta o território fluminense de sul a norte, desaguando no Oceano Atlântico na altura de São João da Barra depois de percorrer 37 municípios ao longo de 500 quilômetros.

A porta de entrada desse rio – considerado o mais importante do país em termos econômicos –, para nós, é o Vale do Paraíba, uma vasta região de 16.268 km², distribuídos em 39 municípios de dois estados: São Paulo, onde nasce, e Rio de Janeiro, onde deságua. Do lado fluminense, a Região do Médio Paraíba, uma das oito em que se divide geograficamente o Estado do Rio, é formada por 12 municípios: Itatiaia, Resende, Porto Real, Quatis, Barra Mansa, Volta Redonda, Rio Claro, Pinheiral, Piraí, Barra do Piraí, Valença e Rio das Flores.

A parte alta dessa área é justa-

mente a que divisa com São Paulo e por onde corre, além do próprio rio, outro relevante elemento de ligação entre os dois estados – a rodovia Presidente Dutra. As águas do Paraíba do Sul e o asfalto da mais importante estrada do país passam pelo alinhamento dos quatro primeiros municípios fluminenses: Itatiaia, Resende, Porto Real e Quatis. É a ponta mais sudoeste do estado, fronteira no alto com Minas Gerais, tornando-a uma microrregião estratégica, localizada quase a meia distância dos três maiores centros industriais e consumidores do Brasil.

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Por muito tempo essa região foi conhecida por abrigar o primeiro parque ambiental brasileiro, o Parque Nacional do Itatiaia, onde se localiza o Pico das Agulhas Negras, e a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), escola responsável pela

formação da oficialidade do Exército Brasileiro. O clima de montanha, onde são registradas baixas temperaturas no inverno – chegando mesmo a nevar no alto do parque nos anos de maior rigor –, e as charmosas pousadas de Visconde de Mauá e de Penedo sempre atraíram turistas. As belezas naturais transformaram a região de verdadeiro templo para turistas, montanhistas, ambientalistas e simples amantes da natureza.

No entanto, nos últimos anos, esses quatro municípios – especialmente Itatiaia, Resende e Porto Real – parecem haver descoberto a vocação econômica industrial que já alavancara o desenvolvimento das cidades no lado paulista do Vale do Paraíba durante as décadas de 60, 70 e 80 do século passado. Grandes empresas, como MAN Latin America (antiga Volkswagen Caminhões e Ônibus), Michelam, PSA Peugeot Citroën, Benteler, Xerox e Hyundai se estabeleceram recentemente na região, trazendo um surto de desenvolvimento jamais antes experimentado por cidades relativamente pequenas do interior fluminense.

A oferta de empregos gerada não só pelas grandes corporações, mas também por uma vasta quantidade de empresas de porte médio – sobretudo do setor automotivo – atraídas por elas, ampliou as perspectivas econômicas da população, ao mesmo tempo em que as prefeituras comemoram a elevação de suas arrecadações.

Porto Real, por exemplo, com apenas 16 mil habitantes, é hoje uma das principais economias do Estado do Rio, ostentando o quarto maior PIB per capita do Brasil (R\$ 130.822,00), o que representa 594% acima da média estadual, sendo o segundo colocado entre os municípios do Estado do Rio de Janeiro e o quarto em território brasileiro, de acordo com o IBGE. A cidade só perde para São Francisco do Conde, na Bahia, Triunfo, no Rio Grande do Sul, e Quissamã, na região petrolífera do Norte do Estado do Rio.

IDENTIDADE E ECOLOGIA

O crescimento econômico, porém, traz consigo não só conforto e progresso, mas também desafios, sobretudo quando ocorre em uma área considerada verdadeiro santuário ecológico. As prefeituras da região e o governo do estado trabalham em ritmo acelerado para atender as necessidades estruturais e ambientais.



A porta de entrada do Vale do Paraíba fluminense alterna paisagens de natureza exuberante...



... com marcas de vigor econômico, como a MAN Latin América (volkswagem), uma das grandes indústrias da região

Estradas, escolas, hospitais e toda a infra estrutura urbana precisam ser redimensionados diante do aumento populacional e das exigências operacionais das novas empresas.

Além disso, a chegada repentina de gente de todas as partes do país e do mundo a lugares pacatos, acostumados à rotina quieta e bucólica das províncias, é capaz de causar um forte impacto cultural. Alemães, coreanos, franceses, americanos, enfim, pessoas de várias regiões do mundo passaram a ser vistas com frequência nas cidades do vale, circulando em suas ruas e hospedadas nos novos hotéis de padrão internacional que surgiram.

A preservação da identidade regional passou a ser uma nova meta para essas comunidades, diante da ameaça de descaracterização cultural. No município de Itatiaia, por exemplo, a vila de Penedo, primeiro núcleo de colonização finlandesa no Brasil e um dos poucos existentes no mundo, fora da Finlândia, vive um momento de mobilização cultural com o objetivo de preservar suas raízes e tradições.

Outra ação desenvolvida pelo governo do estado no sentido de contribuir para o desenvolvimento do

circuito turístico Penedo-Mauá, que por décadas contribuiu de forma preponderante para a economia local, foi a pavimentação, no ano passado, dos 20 quilômetros da RJ-163 (Rodovia Coronel Rubens Tramuja Mader), trecho entre Capelinha e Visconde de Mauá, transformando-a na primeira estrada-parque fluminense.

A nova rodovia apresenta cuidados especiais para preservação da flora e da fauna locais. Cursos d'água, estruturas de drenagem, pequenas fontes e topografia foram estudadas com o objetivo de valorizar a paisagem local ao longo do trajeto. Entre as novidades está a abertura de passagens subterrâneas para travessia de animais. As chamadas zoopassagens foram formadas por blocos de concreto pré-fabricados e adequadas nos seus acessos, com manejo cuidadoso de pedras, terra e plantio. Nas áreas da mata, um funil – composto por suportes metálicos e telas plásticas – orientará o deslocamento da fauna para a travessia segura. Sinal de que as novas ondas de progresso deverão conviver harmoniosamente com a riqueza ambiental de um dos mais importantes paraísos ecológicos do país.



Todos os anos, em tradicional solenidade de formatura, os cadetes da AMAN recebem o espadim

Academia forma a elite do Exército em Resende

Localizada em Resende, a Academia Militar das Agulhas Negras é o estabelecimento de ensino que forma oficiais combatentes de carreira do Exército Brasileiro, ocupando uma área total de 67 km². Possui vários conjuntos construídos, destacando-se o Conjunto Principal, a Seção de Educação Física, a Seção de Equitação, o Polígono de Tiro e os Parques de Instrução.

O Conjunto Principal sofreu uma ampliação, em 1988, que dobrou as suas dimensões, principalmente em relação a refeitórios e alojamentos de cadetes. O Portão Monumental, em primeiro plano, é um autêntico cartão postal da Academia, tendo como cenário, ao fundo, a Serra da Mantiqueira, onde se destaca o Pico das Agulhas Negras.

A AMAN possui um Batalhão de Comandos e Serviços, organizado da seguinte forma: Companhia de Comando; Companhia de Serviços; Companhia de Polícia do Exército; Companhia de Guardas; Companhia

de Fuzileiros; e duas Companhias Auxiliares do Corpo de Cadetes. Em efetivo é o maior Batalhão do Exército Brasileiro.

A Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) tem sua origem em 1792, com a criação da Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho - primeira escola militar das Américas - no Rio de Janeiro, pelo Conde de Resende. Com a vinda do Príncipe D. João VI e sua corte para o Brasil, foi inaugurada, em 23 de Abril de 1811, a Academia Real Militar, criada no mesmo local da anterior e chamada também de Casa do Trem da Artilharia, hoje Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro. A Casa do Trem era destinada à guarda do "trem de artilharia", conjunto de apetrechos bélicos usados na defesa da cidade, e, mais tarde, abrigou o Arsenal de Guerra.

Em 1812, a Casa do Trem foi transferida para o largo de São Francisco, local que oferecia melhores condições para o exercício da arte

da guerra. Com a Independência do Brasil, em 1822, passou a se chamar Imperial Academia Militar e, durante o Período Regencial, denominou-se Academia Militar da Corte. Em 1858, foi transferida para a Praia Vermelha.

Com a necessidade de aprimorar a formação combatente dos oficiais do Exército, foi criada, no início do século passado, a Escola de Guerra, em Porto Alegre-RS. Em 1913, objetivando unificar todas as escolas de Guerra e de Aplicação, nasceu a Escola Militar do Realengo, que formou a elite de oficiais do nosso Exército por quase quarenta anos. Com a premência de aperfeiçoar a formação do oficial para um Exército que crescia e se operacionalizava, foi criada em Resende, em 1º de janeiro de 1944, a Escola Militar de Resende, que passou a se chamar, em 1951, Academia Militar das Agulhas Negras, tendo como o seu grande idealizador o Marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque.

Itatiaia, o primeiro parque nacional do Brasil



O Parque Nacional do Itatiaia abriga o pico das Agulhas Negras, ponto culminante do Estado do Rio, e diversificadas flora e fauna, com inúmeras espécies nativas

O Parque Nacional do Itatiaia é o mais antigo parque nacional do Brasil, fundado em 14 de junho de 1937, inspirado no parque de Yellowstone, dos Estados Unidos, o mais antigo do mundo. Localizado numa área de 30.000 hectares (cerca de 300 km²) que pertenceu ao Visconde de Mauá, o parque possui montanhas com quase 3 mil metros de altitude e mantém uma fauna e flora bastante diversificada devido à altitude e ao clima variado. É administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). A rodovia que dá acesso ao interior do parque é a BR-485, sendo esta a rodovia federal mais alta do Brasil.

Está localizado no Maciço do Itatiaia, na Serra da Mantiqueira na divisa entre os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Fica no sul do estado do Rio de Janeiro, nos municípios de Itatiaia e Resende, e no sul do estado de Minas Gerais, abrangendo os Municípios de Itamonte, Alagoa e Bocaina de Minas.

O parque se divide em dois ambientes distintos: a sede do parque, localizada na parte baixa, possuindo centro de visitantes e um museu com informações básicas sobre a fauna e a flora da região, animais empalhados e uma biblioteca; e o planalto, onde se localizam as prateleiras e o pico das Agulhas Negras, ponto culminante do Estado do Rio, com 2.791,55 metros de altitude

(para acessar essa região segue-se pela Rodovia Presidente Dutra (BR-116) até Engenheiro Passos, altura do km 330, seguindo pela rodovia BR-354 em direção a Itamonte.

A área pertencente ao Visconde de Mauá foi adquirida pela Fazenda Federal em 1908, para a criação de dois núcleos coloniais destinados ao cultivo de frutas. Em 1913, o botânico Alberto Loeffgren solicitou ao Ministério da Agricultura a criação de um parque nacional no maciço do Itatiaia. A ideia recebeu apoio de geólogos, botânicos e geógrafos numa conferência realizada no mesmo ano na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Com a criação do parque, em 1937, muitas áreas habitadas dentro dele foram desapropriadas, mas ainda existem na região diversos sítios, hotéis e fazendas particulares.

Itatiaia está num complexo alcalino, formado por sienitos, foiaitos, pulaskitos, quartzo-sienitos, brechas e granito alcalino. As formações rochosas são consideradas raras, pouco encontradas no resto do país, parecidas com granito, porém tratando-se de nefelina sienito. Encontram-se também rochas de origem eruptiva.

Nascem no parque vários rios integrantes das bacias hidrográficas do Rio Paraíba do Sul e do Rio Grande. A rede hidrográfica é formada por rios de águas cristalinas, que for-



mam piscinas naturais e cachoeiras de tirar o fôlego. Seus principais rios são: Campo Belo, Maromba, Flores, Marimbondo, Preto e Aiuruoca. No planalto existem vários lagos, como, por exemplo, a lagoa Bonita ou a lagoa Dourada, entre outros menores, que podem ter a superfície congelada durante invernos rigorosos.

Durante o inverno brasileiro, nos meses de julho e agosto, a temperatura diminui em demasia e a pluviosidade também, deixando o clima seco e muito frio. Em consequência, num país com praticamente 93 % de área localizada na zona tropical, podem ocorrer fenômenos como as geadas e as precipitações de neve nos dias mais frios.

Penedo, uma utopia finlandesa

Em 1927, o técnico agrícola Toivo Wskaallio, um naturalista apaixonado pelos trópicos, chegou ao Brasil acompanhado da mulher Lisa com o objetivo de lançar as bases de um projeto inusitado: implantar uma colônia finlandesa no Brasil, baseada em um estilo de vida comunitário de total integração com o meio-ambiente. Antecipando uma proposta que empolgaria a juventude 50 anos depois, ele fundaria, pode-se dizer, a primeira comunidade *hippie* do mundo no interior do Estado do Rio.

Naquela viagem de prospecção, ele encontrou no então município de Resende a Fazenda Penedo, cortada por rios encachoeirados e ainda coberta de densa mata atlântica, apesar de explorar a cultura do café, àquela época já decadente no Vale do Paraíba. Propôs a compra das terras e, dois anos depois, em 1929, desembarcava em definitivo no Brasil, trazendo mais 20 famílias que iriam se estabelecer em Penedo.

Segundo Otávio de Miranda Santos, atual presidente do Clube Finlandês de Penedo, aquele teria sido o primeiro projeto de imigração no Brasil sem motivações – por parte dos imigrantes – relacionadas a guerras ou crises econômicas. A única colônia finlandesa do país – e uma das poucas existentes no mundo – surgiu do ideal de um único homem, que contagiou outros conterrâneos com o sonho de trocar as



A casa de pedra do líder Toivo



Fotos: Luiz Augusto Erthal



O casal Soile e Mika, com a sede da fazenda Penedo, que está sendo restaurada por ele. No detalhe, Martti e suas esculturas em madeira

terras frígidas da Escandinávia pelo clima tropical.

Durante os primeiros anos, as famílias finlandesas viveram como autêntica comunidade na sede da fazenda Penedo, enquanto cada uma construía a sua própria casa nos lotes resultantes da divisão das terras. Ali foi construída a primeira sauna do Brasil, estabelecendo um hábito trazido da Finlândia que iria se tornar muito popular entre nós, espalhando-se rapidamente por todo o país.

Além da sauna, os finlandeses legaram uma cultura que atrairia visitantes, encantados com a culinária, os hábitos e o folclore dos imigrantes, e estabeleceriam um originalíssimo núcleo turístico em Penedo. A primeira pousada, criada pelo casal Emil e Lydia Reima, foi criada em 1945. Muitas outras surgiram depois, além de restaurantes e um forte comércio, que, hoje, ameaça descaracterizar algumas das autênticas tradições da colônia.

Com o objetivo de preservar a identidade original do núcleo finlandês, Otávio vem liderando um movimento cultural para preservar as tradições dos fundadores. Algumas ações propostas são a criação de uma feira tradicional a cada primeiro sábado do mês e de um “roteiro finlandês”, um núcleo histórico, com sinalização urbana, abrangendo a casa de pedra de Toivo, ainda preservada na entrada da cidade, e a velha sede da Fazenda Penedo, entre outros pontos de referência.

Além dos descendentes dos imigrantes – todos os primeiros colonizadores já faleceram –, o projeto de preservação das raízes conta com o

apoio de novos finlandeses que vieram para o Brasil e decidiram se estabelecer em Penedo. É o caso do artista plástico e *restauranteur* Martti Vartia, dono do restaurante Koskenkorva, onde também produz e exhibe suas surpreendentes esculturas feitas em madeira. Após trabalhar durante vários anos em joalheria e comandando uma cadeia de restaurantes no Rio de Janeiro, ele se fixou em Penedo, atraído pela simplicidade e hospitalidade locais.

Outra recente adesão à causa da identidade finlandesa veio do consultor Mika Peltola, que também se encantou com o projeto utópico de seus patrícios no Brasil. Há dez anos, ele conheceu, numa viagem de turismo ao país, a mulher Soile Viitanierui, filha de mãe brasileira e pai finlandês, membro do núcleo colonizador de Penedo. Casaram-se e, depois de uma temporada na Europa, decidiram morar no Brasil.

Mika comprou a sede da antiga Fazenda Penedo, que abrigou os primeiros finlandeses e pertence à família da cantora Baby Consuelo (muitos novos baianos se hospedaram ali nos anos 70, revivendo um estilo de comunidade comum aos antigos moradores). Enquanto reforma o casarão, ele construiu um centro cultural para a realização de eventos, exposição de artesanatos e restaurante.

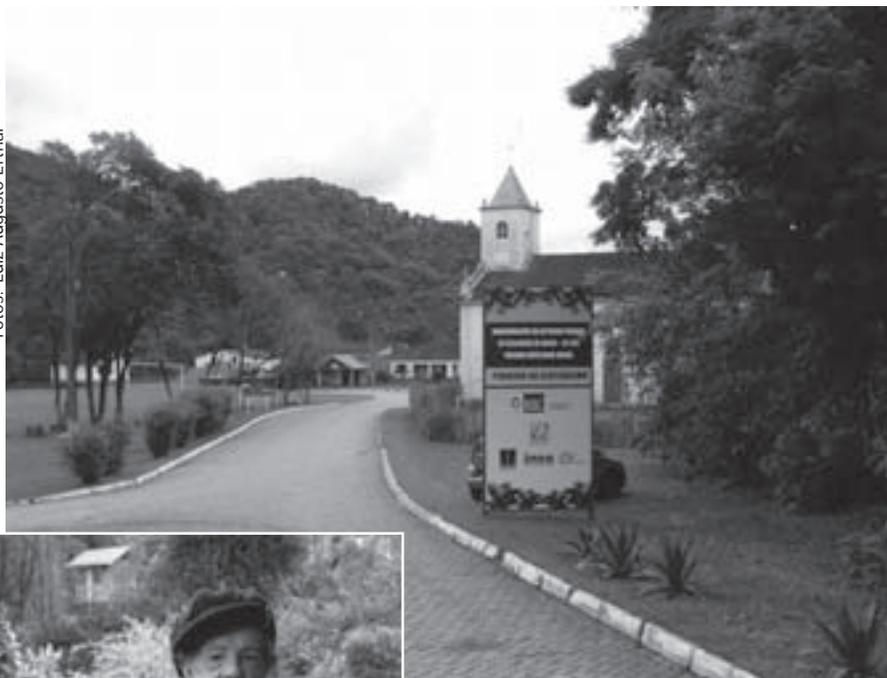
Quando a obra do prédio estiver completa, ele pretende ampliar o centro cultural, destinando-o principalmente a se converter em ponto de referência das tradições finlandesas no Brasil. Faz parte da obra de reforma também a recuperação da segunda sauna construída no país.

A 1.300 m de altitude, a paz de Mauá

Accessando o alto da serra a partir da RJ-163, a bela estrada-parque recém-inaugurada pelo governo fluminense, chega-se à bucólica região de Visconde de Mauá, um conjunto de vilas encravadas nos recortes da Mantiqueira. Os lugarejos de Mauá, Maringá e Maromba formam um dos mais pitorescos conjuntos turísticos, a cerca de 1.300 metros de altitude, na divisa dos estados do Rio e de Minas Gerais. Dezenas de aconchegantes pousadas, restaurantes e lojas de artesanatos dividem as atenções dos visitantes com um extraordinário complexo de rios e cachoeiras, trilhas e cavalgadas que convidam a um contato privilegiado com a natureza através dos vales do Pavão e das Cruzes.

A região se manteve em estado bastante primitivo até meados do século passado, começando a ser descoberta por um maior número de turistas a partir dos anos 60. No entanto, o início do turismo ali data da década de 20, tendo, de início, atraído famílias europeias radicadas no Brasil, que se hospedavam em pequenos hotéis fundados também por imigrantes, sobretudo alemães. Era uma aposta ousada, alimentada pela fé no poder da atração daquela natureza exuberante, capaz – imaginavam – de levar os visitantes, vindos do Rio de Janeiro e de São

Fotos: Luiz Augusto Erthal



Na entrada da pacata vila de Visconde de Mauá, o marco da construção da primeira estrada-parque do estado



Mulher de um dos pioneiros alemães, Helena Bühler, 93 anos, dirige a primeira pousada da região

Paulo, a viajarem até Resende de trem e, depois, vencerem os 20 quilômetros de serra em lombo de animais, numa época em que sequer havia estrada de rodagem.

Eles estavam certos. A dificuldade de acesso não impediu que levas cada vez maiores de turistas descobrissem os encantos da região. Os primeiros eram alemães, suíços e austríacos em busca do clima ameno e dos ares da montanha, confiando-se aos cuidados e à hospitalidade de outros conterrâneos.

Helena Maria Bühler, 93 anos, ajudou a escrever essa história. Ela se casou com um dos pioneiros, Roberto Emil Bühler, que veio com os pais e mais dois irmãos da Alemanha, em 1913. Eles faziam parte de um projeto de colonização da região desenvolvido pelo governo brasileiro, que enviou para lá uma leva de imigrantes alemães. Problemas como inadequação do solo e do relevo para a agricultura levaram ao fracasso do projeto. Das duzentas famílias de imigrantes, apenas três permaneceram: os Bühler, os Flach e os Büttner.

As três iniciaram quase ao mesmo tempo o negócio do turismo, sendo que os Bühler foram os primeiros a transformarem sua casa em pousada. Em 1922, Roberto e sua mãe, Ana Maria – o pai, Cristoph, já havia falecido –, passaram a alugar dois de seus quartos. De início, ele descia a serra com seus cavalos para buscar os visitantes. Os adultos iam montados em selas, enquanto as crianças eram conduzidas em balaios. Mais tarde, quando a estrada já permitia o tráfego de automóveis, passou a usar “um Fordinho” para apanhar os hóspedes.

Proprietária do Hotel Bühler, um dos melhores da região, Helena é prova viva dos benefícios de uma vida saudável e dos efeitos rejuvenescedores do clima da montanha. Ela se aproxima de um século de vida em excelente forma física e total lucidez. Pratica exercícios de ioga, faz hidromassagem, anda de bicicleta e vai à sauna com frequência, esbanjando vitalidade, boa memória e simpatia. □



A região é marcada por montanhas, vales, rios encachoeirados e muito verde

Cultural

O Rioprevidência Cultural é um local destinado aos servidores ativos e aposentados, pensionistas do Estado do Rio de Janeiro e ao público em geral. Com programas especialmente planejados para atender às demandas dessa população, o Rioprevidência Cultural proporciona atividades de treinamento, entretenimento, cultura, além de uma sala de leitura e uma sala de treinamento com computadores e acesso à internet.

A programação do Rioprevidência Cultural é atualizada mensalmente e tem como foco o público da 3ª idade, que carece de opções de lazer e cultura necessários para a manutenção de mente e corpo sãos.

Em sua grade fixa é possível encontrar aulas de dança, teatro, línguas, informática, artesanato, pintura e muito mais. Mensalmente há atividades especiais, como palestras, shows, passeios e outros.

Horário de funcionamento:
Das 9h às 17h.
www.rioprevidencia.rj.gov.br

**Atividades
Gratuitas**

Rioprevidência Cultural
Av. Professor Manuel de Abreu, 300
Maracanã
Tel: (21) 2334-2207
rioprevidencia.cultural@rioprevidencia.rj.gov.br



A Escola de Educação Financeira do Rioprevidência é um espaço de interatividade e aprendizagem com o objetivo de construir habilidades nas áreas de economia e finanças de forma didática e diferenciada. Ela contribui para que as pessoas possam melhorar suas decisões relativas ao consumo, poupança e utilização de créditos, permitindo uma administração responsável e consistente dos próprios rendimentos e bens.

Com aulas e palestras de educação financeira básica, endividamento, investimento em ações, entre outras, a

Escola visa atender a jovens da rede pública Estadual, adultos, servidores públicos, idosos, aposentados e pensionistas do Rioprevidência, além dos demais interessados em participar do programa.

Com parceiros de renome como CVM, BM&F Bovespa, Anbima, Apimec e INI, a Escola consegue montar uma programação de cursos bem completa e diversificada para atender a todos.

**Horário de
funcionamento:**
Das 9h às 17h.

Inscrições abertas:
www.rioprevidencia.rj.gov.br

**Atividades
Gratuitas.**

Escola de Educação Financeira
Rua Felipe Camarão, 83 – Vila Isabel
Tel: (21) 2334-1846
eef@rioprevidencia.rj.gov.br



Dentro de um livro, a gente encontra mais que histórias. Encontra cidadania.

O Projeto Mais Leitura, criado para democratizar o acesso à cultura, disponibiliza grandes obras literárias a preços populares. Para adquirir a sua, vá às unidades do Rio Poupa Tempo e procure a Agência da Imprensa Oficial.

Agência São Gonçalo - São Gonçalo Shopping - Avenida São Gonçalo, nº 100, 3º Piso - Rio Poupa Tempo, Boa vista, São Gonçalo - RJ, 24466-315

Agência São João de Meriti - Shopping Grande Rio - Rodovia Presidente Dutra, 4.200 - Jardim José Bonifácio, São João de Meriti - RJ (Rio Poupa Tempo) 25586-970

Agência Bangu - Endereço: Bangu Shopping - Rua Fonseca, 240 2º andar - Bangu - Rio de Janeiro - RJ - 21820-971

Horário de funcionamento: Atendimento de segunda a sexta-feira, das 08hs às 18hs e sábados das 09hs às 13hs.